

LUCAS TREVIZAN

A large, round tree with yellow flowers stands in a savanna landscape at sunset. The sky is filled with soft, golden light, and the ground is dry and cracked. The tree is the central focus, with its branches spreading out in all directions. The overall mood is warm and serene.

**O OUTONO DA
PITOMBEIRA**

O OUTONO DA
PITOMBEIRA

O Outono da Pitombeira

Lucas Trevizan

1ª edição – outubro de 2024

© Lucas Trevizan

Os direitos desta edição pertencem a

Lucas Henrique Trevizan

Campinas – São Paulo, Brasil

Formato eletrônico: *e-Book*.

Edição independente.

Reservado todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do autor.



Sumário

PREFÁCIO	8
ELA CHEGOU...!.....	13
A DURA VIDA NO ARRAIAL.....	22
A MALDIÇÃO DA PITOMBEIRA	34
A CARTA	49
UM MEDINGO	71
A PROSTITUTA	98
EFEMERIDADES	119
CALÇANDO OS SAPATOS.....	144
A ANCESTRALIDADE.....	169
O DIA DO SOLDADO.....	185
O ÚLTIMO ATO	218
PÓSTUMIDADES	231
SOBRE O AUTOR.....	242

*Jamais, ó tempo, tu devolves ao homem o que leva
Um beijo antigo, um sorriso ou um olhar de outrora
Lágrimas se perdem nas brumas das densas trevas
Inquieto fica o coração, que pelo passado chora
Ansiedades se abrigam nas noites tão calmas
Negando repouso ao sonhador errante
Amor e saudade caminham juntos, porém, distantes*

Sim, eu dedico este livro a você, o meu maior amor...



Prefácio



Decerto, a narração desta história não se configura como fenômeno singular, mas antes como um enredo já visto e experimentado por incontáveis almas que povoam a vastidão da existência; as histórias, como bem sabemos, entrelaçam-se nas veredas da vida, repetindo-se em novas figuras, nos mais variados rincões deste nosso mundo. E, ainda que sob prismas díspares, é inegável que, no fundo, as histórias são sempre iguais, comuns à natureza de todos os homens, como se fossem ecos de uma única voz.

É verdade também que esta narrativa, em seus meandros intrincados, contém tanto elementos da mais crua realidade quanto das mais tênues fantasias, como se o autor, em sua busca incessante, navegasse entre as águas turvas do real e do imaginário. É uma tarefa difícil, quiçá impossível, apartar o que, de fato,

sucedeu de forma veraz daquilo que, porventura, não é senão fruto de alguma mente conturbada, quem sabe vazia, quem sabe triste, que busca na ficção a salvação para suas angústias.

Pensemos, pois, que a vida é aquela rara e irrepetível oportunidade que, nos movimentos arcanos do entrelace cósmico, nos foi concedida. N'este orbe de realidade em que existimos e por onde nossos sentidos vagueiam como sombras, nos são impostas as decisões que dela dimanam, desde o instante mesmo em que nossas escolhas se lançam no abismo do desconhecido. Ó! As oportunidades que o universo magnânimo nos apresenta são, na verdade, únicas, e quando, por descuido ou desventura, deixamo-las fugir, esvaindo-se por entre os dedos como finíssimo grão de areia, o universo, em sua vastidão, entristece-se, pois

perdemos, não só o que nos era dado, mas o que era, em sua essência, singular e, para nós, haveria de ser eterno. Que dor maior poderá haver do que o definhamento daquilo que, de sua própria natureza, fora feito para nos preencher e nos enlevar, e que, uma vez perdido, jamais poderá ser reclamado?

Assim, o que poderá determinar se o relato que aqui se desenrola é fundado em verdades ou meras quimeras-utópicas de um espírito febril será, unicamente, a identificação íntima do leitor com o que se narra. Portanto, mais do que uma peça literária, tal narrativa se transforma em um processo de reconhecimento profundo, onde cada um, em sua particularidade, busca algo que ressoe em seu ser. Não se cuida, de modo algum, de obra que intente aconselhar ou sanar dores alheias, pois, afinal, dor alguma possui o condão de

auxiliar outrem em suas tribulações; ao contrário, é na solidão da dor que cada um deve encontrar suas próprias verdades e, por conseguinte, sua própria libertação.

Ela chegou...



Raramente dou mostras de quem sou. Na verdade, poucas vezes me permiti ser vista. Quando surgem esforços de me definir, o erro é progressivo, pois minha essência escapa ao toque bruto da percepção comum e humana. Conheço a história como quem a escreve; familiarizo-me com as narrativas pessoais; e também com as estórias, engenhadas nas mais diversas mentes e nas multifacetadas situações da vida. E, ainda assim, por mais que pareçam únicas, vejamos nelas os mesmos padrões recorrentes, como se o destino tecesse tramas repetidas sob um véu de aparente novidade. Sou amante do silêncio — e é com o silêncio, ou sob ele, que me movo, como uma sombra que se insinua nas dobras do tempo, sem jamais ser notada. Nenhum homem é capaz de me ver, mas estou sempre presente, aqui, ali, acolá.

O silêncio, meus caros, é a essência dos segredos. E o segredo é o véu que cobre o âmago de cada ser — seja esse âmago bom ou mau, justo ou torpe. Assim, está sempre oculto sob esse mistério, que possui, até mesmo, o poder de transformar personalidades, apenas para preservar o que é íntimo e velado. Eis a dança dos disfarces humanos, uma tentativa contínua de esconder do mundo aquilo que, na verdade, consome a própria alma. Ah! Como o homem é feito de segredos! Amor, esperança, paixão — mas também ódio, raiva, rancor e tristeza. Tudo isso encoberto, mascarado, e, por fim, consumindo-o, até que, devagar, o destrói por completo.

Entretanto, eu, em verdade, não sou um segredo. Todos me conhecem, sabem o meu nome, esforçam-se em desenhar-me em suas mentes, ainda que o façam de forma errônea.

Com frequência e demasiada facilidade do imaginário moldam imagens de mim, como escultores cegos, construindo versões distorcidas que, longe da verdade, perpetuam suas ilusões. Sim, erram, pois criam em mim uma imagem que não corresponde à minha essência. Mas, seja como for, eu não me escondo sob o manto dos segredos. Embora amante do silêncio, não sou sua guardiã. Guardar segredos, isso compete ao padre, no tanque em que se lavam as almas, o confessor; ao advogado, diante do cliente-réu; ou ao psicanalista, que mergulha nos abismos da psique humana. Eu, porém, nada devo ocultar. Se guardo o silêncio, é apenas porque minha natureza exige discrição, o que, diga-se de passagem, é coisa diversa de ser um baú fechado, onde jazem verdades mortas.

É certo que, de quando em quando, eu mesma rompo o silêncio. Mas isso, repito, é raro. Há, em mim, uma necessidade de ser invisível, e, no entanto, invisibilidade não é o mesmo que ser um velho diário esquecido nas areias do Saara. Não sou um artista enterrado pelo tempo, mas um eco contínuo, sempre à espera, sempre presente. Por vezes, sim, é uma verdadeira injustiça calar algumas histórias. Covardia, eu diria! Algumas narrativas, mesmo que dolorosas, dignificam a memória, e outras, por mais alegres, são capazes de derrubar falsos mitos que persistem a assombrar o espírito humano.

Quem me dera que compreendêsseis os aspectos da vida! Não me refiro a um entendimento filosófico, político, ou a qualquer outra estulta tentativa de explicar o inexplicável. Não! Refiro-me ao transcendental, àquilo que a

mera razão humana não abarca. São as verdades invisíveis, aquelas que fogem ao intelecto e só podem ser tocadas pela alma; e é nesse reino que habito, além das palavras e fórmulas. Vossa verdade é pobre, utópica, pois jamais tocaste a Verdade como eu a toquei. Eu a vi face a face, e ela nada tem a ver com os simulacros que criastes.

A vida, por fim, é como uma fogueira. Sim, uma simples fogueira. Carece de lenha para existir, assim como carece de um propósito. Começa com uma fagulha, pequena centelha que, aos poucos, se transforma em fogo. E esse fogo consome, dá luz, calor. Mas, se não alimentada com nova lenha, logo se apaga: um ritmo em que reside a fragilidade da existência, uma dança entre o surgir e o desaparecer, onde tudo se construiu apenas para se desfazer. É assim com o homem. A vida dele, a exemplo da

fogueira, tem sua dança — brilha e cintila, aquece e ilumina os que o cercam. E, quando chega o fim, reduz-se a cinzas; e essas cinzas, elevadas pelos ventos, carregam consigo a história que em torno daquele fogo se desenrolou.

Vós, todavia, não compreendeis o valor disso. Viveis num tempo que vos foi concedido, mas o desperdiçais com vaidades fugazes. Esquecestes vossa essência, que é divina. Ignorais o valor da alma, que, embora encarcerada neste invólucro de carne, possui uma dignidade transcendente. Ah, se pudésseis ver! Se pudésseis sentir as dores da alma, que são mais terríveis que quaisquer dores corporais! E, no entanto, também ignorais as alegrias dela, que, se experimentadas em vossos corpos, seriam insuportáveis de tão imensas.

A vida, caros meus, é essa fogueira. Com seus momentos de fulgor e seus instantes de crepitar suave, mas que, ao apagar-se, deixa apenas lembranças, como a fumaça que se eleva ao céu, em busca do Criador. Vós, entretanto, estais cegos. Não percebeis que a eternidade se desenrola diante de vós. Preferis o efêmero, o agora, e negligenciais o que é eterno. Dedicai-vos a frivolidades, à mesquinharia da existência, e prostituís vossas almas por bagatelas que, ao final, nada mais são do que sombras na vastidão do tempo.

Ah, como vos prostituís...

Todos vós vos prostituís! Acaso não vos apercebeis de que a eternidade, essa senhora de passos serenos, se desdobra em dois caminhos? Um deles, o "agora": esse a que vos afeiçoais desde o primeiro alento; é o instante que vos consome de urgência. Já o outro, o "para

sempre": tão vasto quanto negligenciado que vos escapa por entre os dedos da pressa. Pois é próprio do homem, tão mesquinho em suas preocupações imediatas, dar-se por inteiro ao presente, esquecendo-se de que o futuro, esse perpétuo horizonte, sempre lhe estará à espreita.

É neste desdobrar contínuo que vocês continuarão a caminhar, guiados pelo instante, cegos ao infinito que vocês circundam e que, no entanto, permanecem sempre à espreita, esperando o reconhecimento das ações que nunca praticaram.

A Dura Vida no Arraial



Eu não sou dada a contar histórias. Na verdade, o ato de narrar, para mim, é uma espécie de sacrilégio, uma violação da ordem natural das coisas. De todos estes anos que me pesam sobre os ombros, talvez seja esta a primeira vez em que me permito romper o véu de silêncio que sempre me envolveu. Esse silêncio, tão caro a mim, não é senão a minha marca, o selo sob o qual minhas ações repousam. É o silêncio que preserva a desordem das palavras e das distorções que a memória e o tempo trazem. Sou, por assim dizer, uma observadora muda, alheia ao papel de cronista dos dias ou de guardiã de recordações. E ser essa observadora não significa, em absoluto, participar. Na verdade, observe precisamente porque é proibido entrevir. Não me compete, pois, sair por aí a relatar histórias, como se fosse um diário

empoeirado de memórias. Ainda que, como um diário, eu guarde, nas profundezas de mim, os eventos que tantos se apressariam a registrar.

No entanto, aquilo que presenciei nestes anos não pode ser tomado como omissão, e eu, que me faço cúmplice da verdade, não ousou furtar-me ao julgamento que ela mesma impõe.

A verdade, ah, essa senhora implacável, jamais permite a fuga de suas garras. Mesmo quando mergulhada no silêncio, ela se faz ouvir, como um sussurro nos ouvidos da alma.

Guardei por longo tempo essa narrativa, e, para trazê-la ao vosso conhecimento, permito-me certas liberdades temporais, uma vez que hei de inseri-la no contexto presente. Porque o presente, apesar da sua efemeridade, é o único tempo que se conhece; e é nele que precisam enxergar o passado, ainda que distorcido por suas lentes modernas. Faz-se

necessário, posto que as novas gerações, enredadas nas teias da modernidade, carecem da capacidade de visualizar o passado com clareza.

Viveis imersos em imagens fugazes, em relatos imediatistas que vos impedem de penetrar a profundidade do tempo. Assim, ainda que os fatos se desenrolem há tempos, parecerá, ao vosso entendimento, que tudo se deu recentemente. Assim, ainda que os fatos tenham se desenrolado há tempos, parecerá, ao seu entendimento, que tudo se deu atualmente. E talvez seja melhor assim. A memória, essa tapeçaria de fios entrelaçados, pode ser complexa e cruel em sua completude. É melhor iludir com o novo para, desta forma, aprofundar-se no peso da história como ela realmente foi.

Acompanhei Louis desde seus primeiros dias, do instante em que ainda era apenas uma promessa no ventre da mãe. Chamava-se Louis Hermeto Traviatto, mas era mais frequentemente tratado pelos íntimos como *Loni* ou *Lu* — apelidos que ele rechaçava com vigor. Havia algo em Louis, desde muito cedo, que não permitia concessões. Seu nome, tão firmemente defendido conforme aquele que lhe fora designado por seus pais e confirmado na Pia Batismal, da Igreja Matriz, foi a primeira de muitas lutas internas e externas que ele travou. Detestava qualquer deformação de seu nome, fosse ela diminutiva ou aumentativa, repelindo, com o mais firme desdém, qualquer "*inho*" ou "*ão*" que ousassem associar à sua pessoa. Chamá-lo pelo nome de batismo era para ele um ato de dignidade.

Louis nascera numa pequena comunidade de imigrantes, o Arraial dos Sousas, onde as raízes europeias de sua família haviam alcançado, com ele, a quinta geração.

A chegada desses imigrantes a este país, como em tantos outros casos, não se deu sem agruras: sem terras para plantar, sem teto para abrigar-se, sem parentes que lhes ofertassem algum auxílio. Assim, os Traviatto se lançaram na labuta incessante, e, aos poucos, conquistaram um modesto pedaço de terra e alguns animais — o bastante para uma vida honrada, embora humilde.

A história dos Traviatto no Arraial dos Sousas não fora fácil, é verdade; mas a de Louis, o filho do filho mais pobre entre os descendentes de imigrantes, fora ainda mais penosa. E, como em tantas outras histórias, foi no corpo de Louis que se depositaram as

cicatrizes do passado, tanto quanto visível quanto que só ele carregava em sua alma. O preconceito lhe era familiar desde a infância, por ser ele filho de um casamento considerado escandaloso pelos padrões da época. Seu pai, Alberto, um filho legítimo dos Traviatto, conheceu uma mulher que, aos olhos de sua família, jamais deveria ter entrado em seus salões: Anália, uma negra de origem escrava.

A união entre Alberto e Anália foi amplamente condenada pelos parentes do noivo, homens e mulheres de pele clara como as manhãs napolitanas, e cuja ideia dos negros, herança de tempos de barbárie, os fazia crer que tais pessoas eram simples mercadorias.

Eram essas as sombras que pairavam sobre o lar de Louis, mesmo antes de seu nascimento. O fardo de uma sociedade que não sabia como olhar além das aparências.

Anália, contudo, era livre, neta de um escravo chamado Arthur, que, num raro gesto de magnanimidade de seu antigo senhor, conseguira sua alforria antes da assinatura da lei de abolição. Ainda assim, a liberdade que Arthur obtivera não abria todas as portas; o preconceito continuava a se abater sobre ele e sua descendência.

Esse peso caiu sobre Louis desde o berço. Seus tios e primos vinham à casa apenas para verificar se a criança nascera com traços da mãe, na expectativa maldosa de confirmar a herança "indesejada". E, embora Louis herdasse a tez clara do pai, passou a ser conhecido entre os parentes como o "negrinho", um epíteto cruel que escancarava o racismo arraigado.

E assim, cada olhar, cada palavra proferida em meio a sorrisos cínicos, era um

golpe que moldava o caráter de Louis, um garoto que aprenderia, cedo demais, que o mundo nem sempre é justo.

A vida de Louis foi de privações. Sua família, a mais humilde entre os Traviatto, mal tinha recursos para se alimentar.

Anália, apesar de livre, via-se obrigada a buscar trabalho como faxineira nas casas dos mais abastados, sujeitando-se a um tipo de servidão que o título de mulher livre não lhe poupava. E, nos dias em que Louis ansiava pelo doce brigadeiro que tantas crianças provavam com gosto, sua mãe, em sua engenhosidade, misturava leite e açúcar para criar algo que ao menos lembrasse, no paladar, o doce inalcançável.

O racismo dentro da própria família não se limitava a epítetos. Louis cresceu vendo os parentes organizarem festas às quais ele jamais

era convidado, e, em muitas ocasiões, refugiou-se no banheiro para chorar sua exclusão. Essas lágrimas, silenciosas como o silêncio que me acompanha, regavam as raízes de uma dor latente, um trauma perpétuo que Louis usaria para moldar o próprio [e infeliz] destino. Porém, havia uma pequena luz naquela sombra de humilhações: sua avó paterna, “*Lucy*”, que, numa gentileza furtiva, escondia pedaços de bolo, quando havia festas, e os trazia para Louis, alimentando, assim, um fiapo de esperança na alma do garoto.

Quando alcançou a adolescência, Louis, cansado das humilhações, decidiu que sua condição de pobreza não haveria de definir seu caráter. Ingressou no Seminário Menor, onde pôde aprender não apenas as ciências do espírito, mas também as artes e ciências do mundo. Lá, encontrou abrigo, roupas limpas e,

acima de tudo, comida, que muitas vezes escondia para levar a seus pais nos fins de semana.

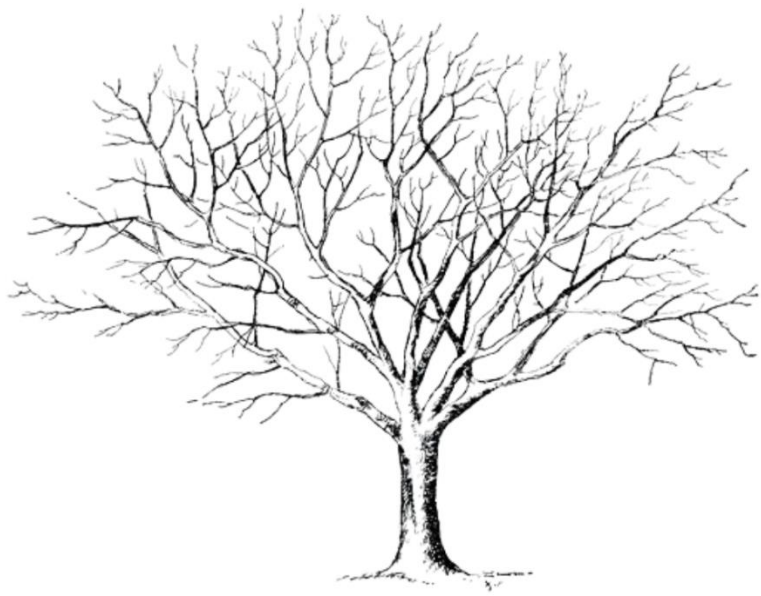
Quando retornava ao lar, seu pai, Alberto, sempre lhe dizia: — Filho, não te esqueças dos pobres. Dá-lhes o pão e, quando encontrardes os que já têm pão, busca a justiça para aqueles que nada têm.

Essas palavras tornaram-se um código moral para Louis, que as manteve consigo como um juramento sagrado. E foi essa justiça, uma justiça que transcendia o pão, que ele buscava para si e para os outros ao longo de sua vida. Também foi essa justiça transcendente que o arremessou ao abismo mais profundo que uma alma poderia alcançar.

Ao concluir seus estudos, Louis, já mais erudito do que qualquer outro membro de sua família, decidiu que era hora de encontrar um

meio de sustento. Alistou-se no Exército, onde o soldo lhe garantiu a sobrevivência e a de seus pais. Contudo, após ser ferido em batalha, sua carreira militar foi interrompida, e a pobreza voltou a assolar o lar. Então, Louis, sem outra alternativa, cuja plausibilidade fosse ligeiramente tangível, regressou ao Seminário; desta vez, já ao Seminário Maior, onde almejava retomar seus estudos e, talvez, encontrar seu lugar no mundo. O mundo, no entanto, como o destino que tantas vezes o traiu, tinha outros planos para ele; já o tempo, esse velho caprichoso, ainda lhe reservaria outros caminhos...

A Maldição da Pitombeira



*Ó Pitombeira, nobre rainha do verdejar,
Que em tua sombra o viajante anseia repousar,
Teu tronco robusto, como um fiel guardião,
E teus ramos são braços a abraçar o chão.*

*Das flores brancas, estrelas do firmamento,
Despedem perfume, um suave encantamento,
Borboletas dançam, abelhas a zumbir,
Num balé divino que faz o tempo sorrir.*

*Fruto maduro, delícias do verão,
Em ti se esconde o doce, a doce tentação,
Pele de ouro, e polpa que canta a canção,
Dos amantes do campo, eterna devoção.*

*Em ti se aninham memórias do passado,
Sussurros de amores, de um tempo encantado,
Cantos e risos na brisa a soprar,
Pitombeira, tu és poesia a respirar.*

Certamente você não tem conhecimento do que venha a ser uma pitombeira, mas pode deixar que eu lhe explicarei, assim, vosso entendimento pode ser alterado, transformado ou permanecer irrelevante.

A pitombeira, árvore de nobre estirpe, é um símbolo da exuberância da flora brasileira, destacando-se em meio à vasta vegetação tropical. Seu tronco, robusto e ereto, exibe uma casca de tom cinza-esverdeado, que ao longo do tempo se vai revestindo de rugas, como se contasse as histórias do tempo e dos ventos. As folhas, de um verde vibrante e brilhante, formam um dossel espesso, proporcionando sombra fresca aos que buscam abrigo sob seus exuberantes e volumosos galhos de folhas e frutos.

Durante a primavera, as flores brancas, em forma de estrela, desabrocham em

pequenos cachos, exalando um perfume doce e suave que atrai abelhas e borboletas, pintando o ar de vida e movimento. No verão, os frutos, pequenos e arredondados, tornam-se o verdadeiro tesouro da pitombeira. Sua casca é fina e de um tom amarelo pálido, e a polpa, suculenta e doce, é um deleite para os passantes, que se aventuram a colher as dádivas da árvore.

Enfim... Prossigamos!

Na antiga aldeia de Arraial dos Sousas, onde o vento sussurrava cânticos ao longe e o tilintar dos sinos da Igreja Matriz ecoava como a própria voz do Criador, Louis, jovem seminarista de alma inquieta e espírito vulnerável, conheceu Julia Alvares de Salz, filha mais nova de Evaristo e Leonora.

Era um dia de festa, onde as cores da procissão misturavam-se aos tons rubros do poente, e a praça, enfeitada de lanternas, parecia

um palco celestial onde destinos se entrelaçavam, quase que involuntariamente.

Louis, que buscara refúgio no seminário para fugir da miséria, tanto material quanto da alma, olhou para Julia com olhos que, até então, apenas conheciam o rigor da vida monástica. Ah, que estranha forma de se enamorar! Um seminarista, filho da pobreza, prestes a abandonar o mundo para abraçar o celibato, encantado por uma jovem cujo riso fluía como as águas cristalinas do riacho. A sombra da pitombeira os acolheu, e ali, sob seus galhos imponentes, o amor floresceu como os frutos daquela árvore que lhe seria, *ad aeternum*, amaldiçoada.

— Julia... — disse Louis, com a voz embargada de emoção. — Não sei o que é isto que sinto, mas sei que me consome como o fogo que arde sem se ver.

Julia, num gesto de doçura, pousou a cabeça sobre o ombro dele e murmurou: — É recíproco! — eis uma frase a qual ficaria, para sempre, guardada no coração de Louis, concluindo com o seguinte: — Também o sinto, Louis, também o sinto...

Aquela simples confissão selara o destino de ambos. O brilho dos festejos continuava ao redor, mas para Louis e Julia, o mundo se tornara nada além da suavidade da brisa que embalava seus corações.

Ah, se o amor pudesse, então, ser apenas isso: um suave entorpecer dos sentidos, uma calma brisa ao entardecer! Mas, como as folhas da pitombeira, que a cada ciclo caem para o chão ressequido, o amor deles carregava a semente da desgraça.

Louis pediu Julia em namoro e, durante sete anos, permaneceram juntos, tal qual as

araras que, ao encontrar um parceiro, encontra também sua alma-divisa e, nela, projeta a eternidade. Mas, em determinado momento desta história de amor, algo aconteceu... O olhar de Julia, outrora límpido como o céu claro, começou a enublar-se, e o coração de Louis, antes firme em sua vocação, e que, agora, havia trocado para viver a eternidade ao lado de Julia, vacilou, como um navio à deriva. Era Patrícia, a amiga de Julia, quem lançava as sementes da dúvida e da corrupção no seio daquele amor nascente.

— Esse Louis, que tem ele para te oferecer? — dizia Patrícia, com sua língua afiada como lâmina. — Vais renunciar ao mundo, às alegrias da juventude, para viver à sombra de um homem que quer esconde-se sob a batina?

Julia, hesitante, ouvia, e a cada palavra de Patrícia, um fio da confiança em Louis se desfazia, como uma teia de aranha que o vento leva sem piedade.

Louis, sentindo o peso da desconfiança que se instalava no olhar de sua amada, decidiu confrontar a verdade. Que insensatez, a verdade! Ela, que tem poder para libertar, também pode aprisionar.

— Julia, não posso mais calar-me. Patrícia não te deseja o bem. Ela envenena teu espírito com suas palavras insidiosas. — Louis implorava, mas o olhar de Julia já não o acolhia como antes.

— Não sei mais, Louis... Não sei mais quem tu és, ou o que de nós será. — E com isso, o laço que os unira começou a se desfazer, fio a fio; gota a gota, como a chuva que cai sobre as pedras gastas.

Louis, em sua tristeza, afastou-se, deixando Julia entregue às incertezas e às ilusões que Patrícia semeara. Mas no fundo de seu coração, ainda acreditava que poderia salvá-la, que o amor, como um frágil raio de luz, poderia romper as trevas que os envolviam. Pediu à amiga Nanda que olhasse por Julia, e em seu íntimo, planejava um retorno triunfante, um reencontro durante o casamento de Fernanda, onde ele, na companhia de Julia, restauraria o que fora perdido.

Mas Nanda, negligente em sua tarefa, permitiu que Julia mergulhasse ainda mais nas noites vazias e nos prazeres fugazes que a corrompiam. E assim, o destino, já traçado, seguiu seu curso cruel.

O tempo, aquele implacável escultor de almas, passou. Louis, que dedicara seus dias ao estudo e ao trabalho, buscava agora, com

desesperada intensidade, um sentido para sua vida sem Julia. Ele deixara o seminário, conquistara diplomas e fora o primeiro de sua família a ser chamado "doutor". Mas de que valia o título, de que valiam as conquistas, se seu coração ainda sangrava por um amor perdido?

Ao fim, Louis resignou-se à solidão. Retornava à Praça da Igreja Matriz, sempre em busca daquela pitombeira, onde tudo começara. Oh, aquela maldita pitombeira! Foi sob seus galhos que ele colheu os primeiros frutos da desilusão e, num gesto quase ritualístico, plantou-os na casa que comprara para viver com Julia.

Louis passara os anos imerso em devaneios, construindo um castelo de esperanças alicerçado na imagem de Julia. O sol despontava na linha do horizonte, e a brisa suave da manhã acariciava o Arraial dos Sousas,

mas o coração de Louis pulsava apenas na solidão de suas recordações. Ah, como ansiava por vê-la!

Em sua mente, o dia do casamento era uma pintura vívida: um Fusca azul, polido e reluzente, surgia pela estrada poeirenta, como um corcel encantado, trazendo consigo a doce promessa de um futuro compartilhado. Louis fechava os olhos e, em cada respiração, visualizava a cena com a clareza dos que sonham com a vida, mesmo quando a vida lhes é cruel.

Ao abrir as portas da Igreja Matriz, ele, trajando sua velha farda, com sua espada e medalhas, a veria, não como uma noiva, mas como um anjo em forma de mulher, adornada com um vestido de noiva que fluía como um rio de luz. O riso de Julia, aquele sorriso que iluminava as noites mais escuras, estaria

radiante, refletindo a felicidade que sempre sonhara compartilhar. Ah, como desejava que aquele momento se tornasse real! O altar, rodeado de flores e amigos, seria o cenário de sua consagração.

Mas, como frequentemente sucede na vida dos homens, as esperanças de Louis se dissiparam como névoa ao amanhecer. Todos aqueles sonhos, nutridos com devoção e ternura, permaneceram trancafiados em seu coração, invisíveis aos olhos do mundo. Ele se viu, então, à mercê de uma cruel ironia: a vida lhe havia sido generosa em lembranças, mas miserável em realizações.

As horas transformaram-se em dias, os dias em meses, e os meses em anos, e a figura de Julia, agora distante e incorpórea, tornou-se uma sombra de uma vida que poderia ter sido. Em cada casamento que assistia, em cada noiva

que cruzava seu caminho, Louis sentia a dor cravada em seu peito, uma ferida aberta que nunca cicatrizava.

— Ah, Julia! — exclamava ele em sua solidão. — Fui eu quem construiu esta imagem, e fui eu quem pagou o preço por sonhar!

Cada sonho, cada expectativa, era como um eco que reverberava em um vale desolado, e Louis percebeu, com o passar do tempo, que o amor, em sua essência mais pura, poderia se tornar uma fonte de alegria, mas também uma prisão inescapável. Ele se tornara um prisioneiro de suas próprias ilusões, navegando em um mar de saudade que nunca se acalmava.

E assim, enquanto o mundo ao seu redor seguia em frente, Louis permanecia parado no tempo, aguardando um Fusca azul que nunca chegaria. No fundo de sua alma, compreendia que aqueles sonhos haviam se tornado apenas

murmúrios de uma vida que, por mais desejada, nunca se concretizara. E foi assim que o jovem “ex-seminarista”, sonhando com o amor e a felicidade, viu sua vida passar, sem que a imagem radiante de Julia, a noiva dos seus devaneios, pudesse algum dia se materializar diante de seus olhos.

Com o tempo, a pitombeira cresceu, imponente, à porta da casa vazia, como um monumento silencioso ao amor que ali morrerá. Louis, envelhecido, vivia no isolamento, cercado de lembranças e arrependimentos, sempre à sombra daquela árvore que agora simbolizava tanto o início quanto o fim.

E todos os dias, por quase oitenta anos, Louis contemplava os cachos da pitombeira, que lhe lembravam os cabelos de Julia, e cada fruto pendente era um eco amargo do amor que nunca se realizara.

— Ah, Julia... — murmurava ele, em seu silêncio amargurado. — Foste tu a bênção e a maldição de minha vida...

A Carta



Caro Louis,

Há longos e misteriosos anos que andais em meu encalço, buscando, por certo, aquilo que vos atormenta o espírito e vos prende a alma. Por vezes, quase me encontrastes; noutras, confesso, quase permiti que o fizesseis. Contudo, caro senhor, não era então o tempo propício para tal encontro. Bem sabeis que há uma ordem nas coisas do mundo, e eu, tal qual toda força imperscrutável, sigo o curso inexorável do destino que não admite pressa nem hesitação.

Caminhava eu, vagorosamente, pelo trilho que o destino me traçou, quando, ao longe, vislumbrei a figura solene de vosso Anjo-Protetor. Não era a primeira vez que o

encontrava, mas, desta feita, trazia em suas mãos um tesouro singular: as lágrimas que, em vida, deixaste escorrer, uma a uma, em momentos de dor ou desvelo. Ah, quão pesado parecia o fardo, e, contudo, não se via em seu semblante senão a mais augusta serenidade. Aquelas lágrimas, ao que tudo indica, não se perdem; são, pelo contrário, recolhidas e apresentadas diante do Trono Divino, como quem leva oferendas de sacrifício silencioso.

Ocorre-me, ademais, que sempre que esses seres celestiais cruzam-me o caminho, é prenúncio de um instante grave. Pois não há Anjo que desça a este plano senão para assinalar o fim de uma jornada. E é então que, com a solenidade que o momento exige, desvio-me de minha rota para encontrá-lo,

não mais por acaso, mas para cumprir o desígnio que me incumbe: conduzir-te, de mãos dadas, ao destino final que te espera.

Reconheço vossa ansiedade em vir ao meu abraço. Não me é desconhecida, pois, vossa vontade há muito tempo em selar este abraço que tanto aguardais. Porém, deveis compreender, senhor Louis, que não poderia tal gesto se consumir antes que o tempo justo se apresentasse. O abraço que buscais não se rege por vossa vontade, mas pela sina já traçada, da qual nenhum de nós, humanos ou espectros, tem poder de recorrer ou adiantar.

Peço-vos perdão, por haver eu fugido por tanto tempo. Não o fiz sem razão, vos asseguro: era necessário que assim fosse, pois

o tempo não havia ainda chegado. Não vos deixei por capricho, mas por obediência ao compasso cósmico. Agora, contudo, adirto-vos: não vos assombreis nem vos exalteis em demasia. Minha vinda, embora certa, não se dará segundo vossos desejos ou caprichos; ocorrerá, sim, conforme a antiga ordem que foi determinada antes mesmo de que existíssemos.

Se fosse de minha alçada, porventura já vos teria abraçado há muito, ou, quem sabe, jamais o faria. Mas o abraço, vos digo, é uma forma de encerramento, e todos eles — crede-me! — são de uma só natureza. Importa-vos, porém, que saibais: antes desse abraço final, irei a vossa casa, visitando-vos algumas vezes. Há de se liberar o peso que carregais no coração, para que, quando o

derradeiro momento chegar, o nosso encontro seja tal como o desejais em vossas mais secretas aspirações. Por três dias estarei convosco, e, no terceiro, vos guiareis de volta à vossa casa, a casa onde vos aguarda o silêncio eterno.

Hei de vir naquela semana de agosto...

Até breve!

Estas linhas que vedes, caro leitor, eram as que se achavam na carta, deixada sob o umbral da porta da casa de Louis. Dona Marta, mulher fiel e dedicada há mais de duas décadas aos serviços domésticos na residência de Louis, apanhou-a, como de costume, e depositou-a sobre a mesa do escritório.

Marta, mulher de fibra e abnegação, conhecia como poucos os ares taciturnos

daquele lar. Não se enganeis quanto a sua figura modesta. A diligência com que exercia sua lida era revestida de uma silenciosa devoção. Serviu a residência de Louis por mais de trinta anos, e tornou-se a única alma viva capaz de aproximar-se dele, senão fisicamente, ao menos em espírito. Pois o silêncio e a melancolia, que como sombras se enovelavam ao seu patrão, de certa forma, não a intimidavam. Ao contrário, eram o tecido invisível que lhes entrelaçava as existências.

Ainda assim, conquanto pairasse sobre a casa um silêncio que poderia bem passar por sepulcral, Dona Marta lá estava, há trinta anos a fio, sem interrupções, prestando seus ofícios com zelo e dedicação infatigáveis. E, por certo, com discrição e silêncio — virtudes essas que, para Louis, constituíam o âmago do que

esperava de sua funcionária. Ora, para ele, o silêncio de Dona Marta era fundamental.

Durante todo o largo tempo em que esteve ao serviço naquele pseudo “lar”, nunca ousara ela questionar-lhe sobre a vida, tampouco mover-se em busca de informações que pudessem esclarecer o motivo de tão grande reserva em seu patrão. Como quem comunga com um mistério, ela aceitava a clausura de Louis sem se embrenhar nos meandros de sua alma velada.

Ademais, não se pode olvidar que, ao longo desses tantos anos, Dona Marta fora a única a lograr alguma aproximação daquele homem, cuja figura, marcada pela angústia e profunda melancolia, parecia impenetrável. Foi ela, com o seu silêncio, que, devagar e com paciência, conseguiu arrancar-lhe, se não conversas, ao menos algumas palavras, e estas

meras sílabas curtas: “sim”, “não” ou, quando muito, “talvez”.

Tal foi a confiança que Dona Marta granjeou junto ao seu patrão, que lhe permitiu ele o raro privilégio de ser a única pessoa a pisar em seu escritório, ainda que apenas para limpá-lo, embora com rigorosas instruções previamente estabelecidas: as limpezas apenas poderiam ocorrer a cada quinze dias, não menos que isso; os objetos, de sua parte, deviam permanecer intactos, como se o toque fosse uma profanação; papéis jamais poderiam ser movidos ou remexidos; e os livros, condenados ao repouso, não deviam ser sequer deslocados. A entrada, fora desse estrito regulamento, só se daria em caso de real necessidade, como para, por exemplo, deixar-lhe a correspondência sobre a mesa de trabalho — uma mesa que, a bem da verdade, já não servia mais ao labor.

Sobre ela repousavam apenas papéis rascunhados, volumes abertos pela metade, folhetos dispersos, contas, copos e um cinzeiro sobrecarregado. Um cenário bem conhecido, o retrato fiel do homem que, podendo conquistar o mundo, falhara, por fim, em conquistar a si próprio.

Dona Marta, não nos esqueçamos, foi quem sustentou Louis durante todo esse tempo. Era ela que se encarregava de ir ao mercado, de fazer as compras, de chamar o doutor quando necessário, de adquirir os remédios; e era ela, com uma devoção que ia além dos simples deveres contratuais, que lhe trazia, religiosamente, o pão fresco todas as manhãs.

Sem dúvida, recebia ela um salário pelo trabalho e o reembolso pelas despesas efetuadas. Contudo, se não fosse esse gesto afetuosos, esse ato de bem-querer que

ultrapassava os frios limites do contrato entre patrão e funcionária, Louis teria permanecido recluso e privado até do essencial para a sua subsistência.

E recluso, de fato, ele ficava. Não sei se mencionei, mas há mais de quarenta anos que Louis não punha os pés fora de sua casa. O máximo de céu que lhe é dado contemplar, vez por outra, advém de um mero vislumbre do quintal. E nada mais que isso.

Nos tempos idos, quando ele tomou a decisão de exilar-se do mundo, conservava ainda o hábito, aos domingos, de sair do seu refúgio e dirigir-se à Igreja Matriz, onde, pontualmente às dez horas da manhã, se celebrava a Santa Missa. Contudo, chegava sempre um sopro de tempo após o início da procissão, postando-se discretamente ao fundo da Igreja, recostado nos umbrais da porta, e ali

permanecia, imóvel e taciturno, até que o Padre derramasse a bênção final, instante no qual, como que dissolvido na penumbra, se esvaía da vista dos presentes.

Naturalmente, a peculiaridade de tal proceder não tardou a suscitar falatório entre os paroquianos, que começaram a nutrir desconfiança daquele homem que surgia e desaparecia com tamanha fugacidade, sem jamais cruzar o limiar do sacrário.

O tempo, porém, como é seu costume, trouxe mudanças, e chegou o dia em que nem mesmo as Missas Louis se dignava a frequentar.

De tal modo se agravou sua ausência que o bom Padre, percebendo a melancolia crescente no espírito daquele infeliz, resolveu agir com compassiva astúcia. Durante as celebrações, mandou que as janelas que davam para o Altar permanecessem abertas, para que,

da varanda de sua solitária morada, Louis pudesse vislumbrar o Santo Sacrifício, ainda que de longe, na esperança de que aquela visão tocasse, ao menos de leve, sua alma enregelada.

Mas o zelo do Padre não se esgotava ali. Sabedor de que aquele coração, ainda que fustigado pelos ventos da desesperança, desconhecia a verdade impassível do tempo, o clérigo, ao fim de cada Missa, tomava por hábito "errar" o caminho, rumando propositadamente pela rua onde morava Louis. E ao passar pelo portão do recluso, fazia deslizar suas chaves entre as grades, provocando um ruído metálico que despertasse a atenção do homem, instigando-o a vir à porta.

E assim, sempre que Louis emergia de sua clausura e avistava o Padre, ouvia-o proferir em tom brando, porém carregado de

significado: — Vinde receber Aquele que bate ao vosso portão!

A pequena comunidade desconhecia o verdadeiro motivo daquele "erro" rotineiro do pároco. Ignoravam que o Padre levava a Sagrada Comunhão ao pobre homem, cuja reclusão não fora imposta senão por si mesmo, ou antes, pela sua alma ferida, presa numa amargura de que apenas o tempo e a graça poderiam libertá-lo.

Por fim, o sacerdote passou a realizar tal ato com maior constância, até que se lhe tornou um hábito: aos domingos, durante o ofício da Missa, abriam-se as janelas que davam ao Altar e, ao término, invariavelmente, o bom clérigo "errava o caminho", levando a Sagrada Comunhão para Louis. Este costume, cumpre dizer, foi de tal maneira transmitido aos párocos sucessores, que, de um para outro, passava-se a

prática, até que, em cada tempo, um novo sacerdote viesse perpetuar esse primeiro gesto de caridade.

Os dias deslizavam, inexoráveis, como os grãos de areia na ampulheta da vida, e aquela carta, de infável conteúdo, repousava intocada sobre a mesa do escritório, exatamente onde Dona Marta a deixara, como se em espera silenciosa do olhar e da leitura de Louis. E assim se passaram os dias, os meses, os anos... E a carta, impassível, continuava a dominar aquela superfície, no frio e bucólico escritório.

Permitam-me agora traçar um retrato, por palavras, do que era, em verdade, esse escritório: um refúgio, quase sacrossanto, de Louis; o contraste dos móveis antigos e a madeira do soalho, tocada apenas pela luz vacilante das lamparinas, criava uma atmosfera de austera melancolia. Em seus dias de glória,

dir-se-ia que esse escritório rivalizaria, em imponência, com um salão de conselhos régios ou mesmo com a sala de meditações de um monarca, tal era a riqueza dos detalhes que o adornavam. No entanto, restaram apenas livros, muitos livros, que preenchiam cada recanto; alguns, jamais lidos, repousavam organizados nas estantes, enquanto outros, desprezados, jaziam pelo chão, amontoados, empilhados sem ordem, alguns abertos, com margens rabiscadas, outros reduzidos a morada de poeira e esquecimento.

Louis possuía, nesse refúgio, uma vasta e notável biblioteca. Ali se encontravam obras de literatura, filosofia, teologia; compêndios sobre mitologias fenícia, egípcia, grega, romana, inca, asteca e outras tantas; coleções de direito, economia, medicina, farmácia; tratados de astronomia, astrologia e astrofísica; volumes

sobre artes e culturas dos mais diversos povos. E, entre tantos, estavam também os seus próprios livros, aqueles que ele jamais ousara abrir. Era uma biblioteca que, não obstante a sua grandiosidade, permanecia trancada no frio daquele escritório, como que a aguardar algo.

Curioso, contudo, era o que se passava na parte superior das estantes, acessível apenas por uma escada cujas roldanas, corroídas pelo tempo, já não se moviam com a facilidade de outrora. Aquelas obras, colocadas à altura quase inatingível, não eram lidas por Louis. Aparentemente, estavam reservadas para uma ocasião futura, e, de fato, estavam. Eram livros que continham histórias que, em sua essência, não podiam ser desveladas em solidão. Permaneciam ali, pacientes, à espera da companhia que Louis almejava para lhes devassar os segredos. Mas essa companhia

nunca chegou. A verdade, cruel como todas as verdades da vida, era que a presença que ele tanto esperou jamais se fez real.

Uma das coisas que, de perene interesse, se conservavam no escritório de Louis eram as cartas que ele mesmo redigia. Ou melhor seria dizer que as assinava, pois as epístolas, em verdade, não traziam senão um fulgor de vazio. Contavam com a data e o local, mas, no lugar das palavras, apenas pingos de lágrimas se tornavam visíveis sobre o papel imaculado.

Louis escrevia suas cartas não com a tinta da caneta, mas com lágrimas, pois tinha a crença, não sem certa vaidade, de que o Criador as leria, em sua infinita bondade e compaixão.

A missiva encaminhada por mim, acolhida por Dona Marta e depositada sob a mesa daquele melancólico lugar, permanecia ali, sob a mesa do escritório, dia após dia, mês após

mês, e até mesmo anos inteiros. Ele não a avistara, quando, naquele mês de agosto, tomou a ousadia de procurar um livro específico. Ao encontrá-lo, colocou-o sob a mesa, e, num desses caprichos do destino, seus olhos se depararam com a carta.

Com um grito que ressoou nas paredes do escritório, Louis clamou: — Dona Marta, corra aqui!

— Pois não... — respondeu Dona Marta, sem saber ao certo o que o inquietava.

Com os olhos fundos e carregados de uma curiosidade angustiada, Louis inquiriu se Dona Marta sabia a origem daquela carta. Na verdade, ele desejava saber, se a carta não podia ser nenhuma artimanha daquela mulher que, há longos anos, lhe prestava auxílio nas labutas do lar.

Dona Marta explicou que a carta se encontrava sob a porta, e fazia dias, meses e anos que ela a colocara sob a mesa, com a esperança de que Louis a abrisse para ler.

Ao abrir a missiva, Louis se viu numa perplexidade absoluta. Na verdade, não entendeu nada do que ali estava. Assim, entregou a carta a Dona Marta, suplicando que ela a lesse.

— Seu Louis — argumentou Dona Marta — Não há nada escrito aqui. O papel encontra-se em branco. Talvez o remetente tenha enviado o papel errado, não?!

Ao devolver a carta a Louis, Dona Marta notou que ele se mostrou extremamente incomodado com o fato de que ela revelasse não haver nada escrito na missiva que acabara de ler.

Imediatamente, Louis começou a crer que aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto perpetrada por Dona Marta, e começou a inquiri-la de modo quase acusatório.

— Dona Marta, foi a senhora quem fez isso? Responda-me de uma vez por todas! — exclamou Louis, batendo à mesa com veemência.

Dona Marta assegurou-lhe que não tinha sido ela a responsável pela carta em branco. Porém, essa afirmativa não convenceu Louis, que a despediu, desejando ficar só em sua inquietude.

Louis, então, guardou a carta, e no domingo em que o Padre lhe faria a visita semanal às portas de sua casa, entregou-a para que a lesse em voz alta.

O Padre, ao examinar a missiva, proferiu-lhe que a carta também estava em

branco, sem que ali houvesse qualquer palavra escrita: nem texto, nem data, nem assinatura. Não havia sequer marcas de caneta ou tinteiro, deixando Louis numa perplexidade ainda maior.

Mas Louis, obstinadamente, insistia em afirmar que ali se encontravam as palavras de alguém que lhe faria visita. Com um fervor quase místico, ele apresentava a carta, e com a ponta dos dedos, indicava um texto que somente ele parecia vislumbrar.

Um Medingo



Enfim chegara o tão esperado dia em que minhas visitas haveriam de começar. Era uma quinta-feira, vinte e dois de agosto, e o céu, embora claro, escondia nas sombras da manhã um prenúncio de inquietude. Louis, em seu escritório, meditava profundamente sobre a carta que eu lhe enviara. Acreditava ele ser capaz de desvelar o enigma do remetente, mas, até então, sua argúcia não lhe rendera sucesso.

Eu dissera que viria, e aqui estava! Mas, nessa primeira visita, fizera-me presente nas suas memórias mais profundas e, diga-se de passagem, já esquecidas pelo tempo e pela idade avançada. No entanto, tais memórias seriam de fundamental importância para o desenrolar daquilo a que me propusera fazer a Louis.

Ao rememorar, trouxe-lhe à lembrança a figura singular de Geraldo, um sábio de renome desconhecido, cuja ciência não se alicerçava nos

livros ou tratados, mas na experiência vivida, seja esta feita de agruras ou de contentamento. Por ser, de fato, um sábio, aprendera a destilar de cada sensação, de cada desafio, uma lição proveitosa, não apenas para si, mas para quantos o cercassem.

A noite já lançava seu manto espesso sobre a cidade; ruas estreitas e imundas, como veias exauridas de vida, serpenteavam pelas encostas. Louis, caminhando sem rumo, era uma sombra a vagar, perdida em meio ao silêncio cortante. Seus passos, ecoando no vazio daquelas vias abandonadas, soavam como o clamor de uma alma desamparada. Suas roupas, de fino corte, porém descompostas, contrastavam violentamente com a decadência ao redor. Ele era um vulto solitário, na vã tentativa de escapar de si mesmo — tentativa

vã, pois já lhe era claro que tal fuga era impossível.

A fortuna que juntara ao longo dos anos, o conhecimento que lhe dera distinção entre os homens, nada disso lhe trazia o almejado consolo. Uma tristeza impenetrável envolvia-lhe a mente, tal qual um nevoeiro que não cede ao brilho da manhã. Louis não sabia ao certo quando se instalara esse vazio, mas estava cômescio de que a ruptura definitiva sucedera-se no momento em que ousara dizer a verdade. Uma verdade que, em sua pureza, corroía-lhe as entranhas, pois a pessoa a quem mais amara recusara-se a crer nela. Desde então, sua vida não era mais do que uma desesperada corrida em círculos, sempre a conduzi-lo ao mesmo ponto de origem: a si mesmo.

Era uma dessas noites em que o frio não apenas cobria a pele, mas aninhava-se nos

ossos. As lâmpadas dos postes, poucas e distantes, projetavam sombras disformes nas calçadas irregulares. Sem se dar conta, Louis afastara-se das zonas mais movimentadas da urbe e agora deambulava por um bairro decadente, onde a pobreza estampava-se em cada esquina. Passou por alguns pobres-diabos, encolhidos sob cobertores rotos, tentando esquivar-se do vento gelado que assobiava pelas vielas.

Foi então que avistou um homem, sentado sobre uma pilha de caixas de papelão, ao lado de uma modesta fogueira, cujas chamas vacilantes mal lutavam contra o frio. O homem, de barba grisalha e olhos cavos, segurava uma garrafa, que pendia, lânguida, de sua mão. Louis hesitou por um instante, mas algo naquela cena o atraíu. Talvez fosse o calor da fogueira, talvez o olhar sereno do estranho, que parecia alheio à

miséria que o rodeava. Sem palavra, Louis aproximou-se e sentou-se ao lado do homem.

— Quereis um gole? — indagou o morador de rua, estendendo a garrafa de cachaça em direção a Louis, como se fosse uma oferta dos deuses àquele que vagava perdido nas sendas da vida.

Louis deteve seu olhar na garrafa por um breve instante, e, sem refletir, aceitou. O líquido ardente atravessou sua garganta, mas trouxe consigo uma estranha e reconfortante sensação. Permaneceram em silêncio por um lapso de tempo, ouvindo o estalar da fogueira e os ecos distantes da cidade que, indiferente, pulsava à distância.

— Geraldo é meu nome — disse o homem, rompendo o manto do silêncio. — E vós, quem sois?

— Louis... — respondeu, devolvendo a garrafa com um gesto de resignação. — Ignoro bem o que me traz a este lugar.

Geraldo riu, uma risada leve, desprovida de malícia, como quem se compraz na simplicidade do momento.

— Ninguém sabe, amigo. A vida é um labirinto, e todos andam por aí, sem saber o que de fato fazem. — Ele sorveu mais um gole e balançou a cabeça, em sinal de concordância com a perplexidade do mundo. — Mas dizei-me, por que um homem como vós, trajando tais vestes e com esse olhar que sugere que já presenciou mais do que seria razoável, perambula pelas ruas numa noite como esta?

Louis hesitou. O olhar de Geraldo parecia penetrar suas defesas, como se pudesse vislumbrar cada ferida ocultada sob a superfície.

— Estou a fugir de mim mesmo, creio — confessou finalmente. — Não tenho razões para estar aqui. Possuo dinheiro, tudo o que sempre acreditei necessitar. Porém, por dentro, sinto-me vazio.

— Vazio, dizeis? — Geraldo dirigiu seu olhar ao fogo por um momento, refletindo sobre as palavras que dissera. — E quando foi que tal sensação se instalou em vosso ser?

Louis respirou fundo, recordando-se do instante em que tudo começou a desmoronar.

— Quando revelei a verdade à única pessoa que amei, mas ela não acreditou na veracidade de minhas palavras sinceras.

Geraldo silenciou por alguns segundos, sorvendo mais um gole da cachaça antes de falar, com um tom que agora se tornava mais grave: — A verdade é uma entidade curiosa, sabês? — Ele fixou o olhar em Louis,

justamente com aqueles seus olhos cansados, mas impregnados de sabedoria. — Ninguém deve ser culpado por exprimir a verdade. O problema é que, por vezes, as almas não estão preparadas para escutá-la. E isso não vos incumbe.

Louis sentiu um nó formar-se em sua garganta, uma revelação que nunca antes contemplara. Carregara consigo a culpa pelo afastamento, como se, ao abrir seu coração, cometesse um crime de lesa-majestade.

— Mas que farei agora? — inquiriu Louis, em um sussurro perdido na brisa da noite. — Como seguirei adiante após isso?

Geraldo esboçou um leve sorriso, pondo a garrafa de lado, como quem vislumbra a luz ao fim do túnel.

— Às vezes, avançar não significa olvidar o que foi, mas aprender a suportar o peso do

passado sem que este nos afunde. A verdade que proclamaste não era errônea, Louis. Quiçá a pessoa que amaste não soubesse manejar tal verdade.

Louis silenciou com as palavras de Geraldo reverberando em sua mente como ecos longínquos. Fitou o homem, um completo desconhecido, alguém que, em circunstâncias comuns, jamais teria captado sua atenção. Contudo, naquela fria noite, parecia que Geraldo era o único ser dotado de compreensão para com sua alma atribulada.

— Mas e vós? — indagou Louis, movido pela curiosidade. — Como pode viver com tão pouco e, ainda assim, parecer... em paz?

Geraldo riu de novo, mas desta feita, havia uma melancolia a tingir sua voz.

— Eu já possuí muito, amigo. Dinheiro, família, tudo isso. Porém a vida, ah, a vida é uma

mestra cruel. Ela tira, assim como dá. E a paz que percebes em mim não foi fácil de conquistar. Veio após árduas lutas, e muito padecimento. Aprendi que, ao cabo, devemos nos encontrar no íntimo de nós mesmos, não nas coisas ou nos outros. Apenas assim se pode avançar, compreendes?

Louis anuíá, embora não tivesse certeza de entender por completo. Entretanto, pela primeira vez em longa jornada, uma centelha de esperança brotou em seu peito. Talvez, quiçá, pudesse trilhar o caminho de retorno a si mesmo.

— Agradeço-te, Geraldo — disse ele, a voz impregnada de sinceridade. — Creio que hoje me ofereceste mais do que eu jamais poderia imaginar.

— Não me agradeças, amigo. A vida é assim. Por vezes, quem menos possui é quem

mais pode oferecer. — Geraldo levantou-se lentamente, ajeitando os farrapos que o vestiam. — Agora, vai. Retorna à tua vida. E lembra-te: a verdade sempre será tua, mesmo que ninguém mais a acredite.

Louis observou enquanto Geraldo se afastava, desaparecendo na escuridão da cidade. Permaneceu ali por mais alguns instantes, sentindo o calor da fogueira e refletindo sobre tudo que ouvira. Talvez aquela noite marcasse o princípio de algo novo. Talvez, em vez de continuar a evadir-se, chegara o momento de finalmente encarar a si mesmo.

Os dias iam-se sucedendo, como borrões cinzentos que se esvanecem no horizonte, enquanto Louis, perdido em suas divagações, perambulava pelas ruas da cidade, conhecendo cada beco e calçada como um errante sem destino. As palavras de Geraldo ressoavam

incessantemente em sua mente: — A verdade sempre será tua, mesmo que ninguém mais acredite nela. — Aquilo despertara, em seu íntimo, uma centelha de esperança, embora insuficiente para estancar a ferida aberta que ainda pulsava em seu peito. Carecia de mais, buscava respostas, ou quiçá mais perguntas, para entender por que ainda não conseguia encontrar a paz que tanto almejava.

Certa noite, enquanto caminhava sob a fina chuva que cintilava como agulhas de gelo na luz amarelada dos lampiões, avistou um grupo de desvalidos reunidos em torno de um velho tambor de ferro, queimando pedaços de madeira. A chama, embora débil, parecia aquecer não só seus corpos, mas também suas almas. Louis hesitou, mas logo se aproximou, atraído pelo calor da fogueira e pela

camaradagem silenciosa que reinava entre aqueles homens.

— Chega mais, amigo — bradou um dos homens, esquelético e de cabelos ralos, abrindo espaço para Louis ao redor do tambor. — Não está fácil para ninguém, não é mesmo?

Louis assentiu, sem saber o que responder. Sentou-se ao lado do homem e estendeu as mãos em busca do calor. Os outros, três ao todo, pareciam mergulhados em suas próprias reflexões, sem prestar demasiada atenção a ele. Por um momento, o silêncio foi como um bálsamo, mas logo o homem que o recebera rompeu a serenidade.

— Já te vimos por aí. Não pareces o tipo que dorme na rua — disse ele, soltando uma breve risada. — Mas, veja, as ruas têm um modo peculiar de atrair a todos, não importa de onde venham.

Louis fitou-o e colocou à mesa a pergunta claramente estampada em seu olhar, como se aguardasse que o destino, em sua irônica sabedoria, lhe oferecesse alguma resposta.

— Meu nome é Joaquim — assim prosseguiu o homem, enquanto um sutil lampejo de nostalgia se esboçava em seu semblante. — E, sim, já tive uma vida decente. Trabalho, casa, família... tudo aquilo que a gente imagina que nunca se há de perder. Então, com um gesto despreocupado, trouxe longamente um cigarro que, como que por encanto, surgira entre os seus dedos — Mas as coisas mudam — relatou Joaquim — e, por vezes, nos encontramos nos lugares mais inusitados, por vezes, perdidos.

— E vós? — inquiriu Louis com sua voz rouca reverberando após tanto silêncio. — Como vos perdestes?

Joaquim, ao ouvir tal indagação, esboçou um meio sorriso, fitando seus olhos que se fixavam nas brasas dançantes da fogueira que aquecia aquela noite fria.

— A perda é relativa, meu amigo. No início, eu julgava ter perdido tudo, assim como vós, quiçá, pensais neste instante. Contudo, hoje... talvez eu tenha encontrado algo que não sabia que buscava.

— E o que encontrastes? — insistiu Louis, a curiosidade acendendo sua mente.

— Encontrei o que realmente importa — respondeu Joaquim, imerso em um olhar distante e contemplativo. — Quando se perde tudo, compreende-se que o mais valioso não era o que possuías, mas sim o que efetivamente és.

E, para nossa surpresa, a rua tem uma maneira singular de nos revelar tal verdade.

Louis silenciou, absorvendo a profundidade daquelas palavras. Sua mente divagava por sua própria existência: sua carreira fulgurante, a lembrança de Júlia, a traição de Carla, a ajuda de Jess; pensava ainda em como sempre acreditara que a sua essência estava intimamente ligada ao que acumulava, às conquistas que, em sua visão, conferiam-lhe valor. E agora, sem essas lembranças e posses, quem era ele? Um homem perdido em suas próprias inseguranças, talvez.

Os encontros com as almas perdidas nas ruas tornaram-se mais frequentes, e Louis aprendeu que cada um deles trazia consigo uma história, uma lição a ser compartilhada. Havia Maria, uma matrona de anos, que, após ser abandonada pela própria família, ostentava,

apesar da solidão, um sorriso a cada estranho que cruzava seu caminho. Ela acreditava que, enquanto tivesse a bondade para oferecer, ainda poderia reivindicar seu valor neste mundo. E havia também Pedro, um ex-professor de filosofia que, após perder tudo ao ser demitido devido a agravos à sua saúde mental, perorava em praças públicas, como um filósofo errante, atraindo pequenos grupos de curiosos que se deleitavam em sua sabedoria.

Com efeito, essas interações, como finas e sutis linhas tecidas no destino, alimentaram algo de profundo em Louis, uma sensação de que sua própria jornada pelas ruas da cidade era parte indissolúvel de um processo de cura, embora ainda insipiente. Cada alma que lhe cruzava o caminho parecia, como um personagem de um dramático teatro, revelar um novo fragmento da verdade que, em sua

totalidade, lhe escapava, tal como água entre os dedos.

Novamente perambulando pelas ruas, Louis buscava encontrar-se consigo mesmo. Tarefa difícil, árdua e, considerando sua personalidade, digamos que quase impossível.

Desta vez, era uma noite fria na cidade, as ruas escuras repletas de silhuetas anônimas que passavam apressadas, indiferentes à vida que se desenrolava ao seu redor. Entre becos úmidos e esquinas esquecidas, Louis caminhava, perdido em seus próprios pensamentos, um homem que, mesmo tendo para si um lar, naquele momento, caminhava como se não tivesse um; estava sem direção. O cansaço era evidente em seus olhos, mas sua mente permanecia desperta, torturada por sonhos grandes e inalcançáveis que o

mantinham em movimento, mesmo quando tudo em volta parecia estar em repouso.

Numa esquina, à luz fraca de um poste vacilante, estava Maahbu, um imigrante refugiado da guerra, que havia cruzado oceanos e fronteiras em busca de paz, mas que agora vivia nas ruas, longe de sua terra e de tudo que conhecia. Sua pele, marcada pelo tempo e pela luta, refletia uma história que poucos sabiam. Ele observava a cidade com olhos calejados, acostumados à dureza da sobrevivência. Louis o notou e, por algum motivo, seus passos o levaram até aquele homem.

Antes mesmo de Louis proferir qualquer saudação àquele homem, Maahbu rompeu o silêncio: — Quem não domina sua solidão, acaba acreditando que qualquer companhia é boa. Mas é na solidão que a gente encontra quem realmente somos, sem as vozes dos

outros a nos distrair. — disse a Louis, com um sotaque carregado, mas em um tom calmo, como se conversasse consigo mesmo.

Louis parou, surpreso por aquelas palavras vindas de alguém cuja vida parecia tão distante da sua. Sentou-se ao lado de Maahbu, como se o peso de sua própria vida o tivesse empurrado para ali.

— E você, — disse Louis, a voz rouca pela fadiga — o que a solidão te ensinou, depois de tudo?

Maahbu suspirou... havia um sorriso triste surgindo em seu rosto, enquanto observava o horizonte.

— O que me ensinou? Eu venho de um lugar onde as casas foram destruídas antes mesmo de se construírem sonhos. Vi minha vila ser tomada pela guerra, minhas irmãs chorarem por comida, meus irmãos desaparecerem sem

deixar rastro. — Ele fez uma pausa, a voz pesada com as lembranças. — Eu corri, Louis. Cruzei mares que não queria cruzar, deixando para trás uma vida que eu jamais recuperaria. Aqui, nas ruas desta cidade, descobri que as lágrimas nunca secam. Dizem que, quando elas secam, a história está pronta para ser contada. Mas eu ainda não posso contar a minha, porque meu peito ainda transborda.

Louis olhou para o homem ao seu lado, percebendo a profundidade da dor que ele carregava. Mas, por mais que a história de Maahbu parecesse diferente, havia algo semelhante no fardo que ambos traziam.

— Eu sei como é não conseguir dormir. — Louis murmurou, com um olhar perdido. — Minha mente não para, caro senhor Maahbu. Eu sonho grande demais, mas esses sonhos me consomem. Não consigo descansar. Meus

pensamentos são como ondas, batendo sem parar na costa da minha mente. O tempo, ele me escapa, e a cada dia que passa, eu sinto que estou perdendo a chance de ser alguém. A ambição... me queima por dentro, como uma chama que não se apaga. Enquanto todo mundo dorme, eu estou acordado, planejando, correndo atrás de algo maior. Mas cada noite que passo assim, é uma aposta num futuro que talvez nunca chegue.

Maahbu o olhou com uma expressão que misturava empatia e compreensão. Ele conhecia bem o peso de carregar o mundo nos ombros.

— Eu entendo isso. Quando fugi, pensei que encontraria paz, ou pelo menos uma chance de recomeçar. Mas às vezes, Louis, o que carregamos dentro de nós é mais pesado do que o que está fora. A guerra me seguiu, não nos

tiros ou nas bombas, mas nas feridas que ela deixou na minha alma. — Maahbu fitou Louis com intensidade. — Existem momentos que nos mudam para sempre. Feridas que nunca cicatrizam. Elas ficam abertas, Louis, mesmo quando parecem fechadas. E a dor... ela renova-se todos os dias. Talvez eu tenha sido como você, cego para o que a vida realmente era, até perceber, tarde demais, que as chances não voltam.

O silêncio caiu entre eles, um silêncio pesado, quebrado apenas pelo som distante de sirenes e vozes ao longe. A cidade continuava seu ritmo indiferente, enquanto Louis tentava digerir aquelas palavras, como se finalmente estivesse compreendendo algo que sempre escapara.

— Talvez, Louis, — disse Maahbu, com um tom mais suave — a solidão não seja o fim

do caminho, mas o começo. Quem sabe, vagando por estas ruas, você não encontre as respostas que está buscando? Eu nunca encontrei as minhas, mas talvez... talvez você ainda tenha uma chance.

Louis não respondeu. Ele apenas ficou ali, ao lado de Maahbu, ouvindo o vento gelado passar pelas ruas, enquanto a esperança que ele há muito havia abandonado começava a se contorcer, como uma pequena chama, dentro de si.

Entretanto, era no silêncio da noite, sob as marquises da cidade ou nas vielas sombrias, que Louis se confrontava, verdadeiramente, com as sombras que assombravam seu espírito. Pensava em Júlia todos os dias, com a persistência de um eco que nunca se apaga. Às vezes, em momentos de introspecção, revivia o instante da separação, como se o tempo, qual

artista caprichoso, lhe oferecesse a possibilidade de redigir novas falas, buscando encontrar aquelas palavras que nunca teve coragem de pronunciar, ou as que, numa infeliz interpretação, soaram vãs e malogradas. Outras vezes, sua mente errante refletia sobre a culpa que, como um pesado fardo, carregava em seu coração, o peso de uma verdade que hesitava em reconhecer e, mais ainda, em revelar.

Mas à medida que os dias se sucediam, Louis, como um aprendiz do saber, ia decifrando as lições que Geraldo, Joaquim, Maahbu e os demais moradores das ruas lhe haviam procurado transmitir: que a verdade, em sua essência, não se sujeita ao controle da vontade humana. Embora brotasse da sinceridade mais íntima da alma, restava o fato indiscutível de que outras almas, em sua limitação, podem não estar preparadas para

apreender tal verdade. Assim, tentar expô-la aos cegos de espírito é tarefa tão vã quanto navegar em alto-mar durante uma tempestade, a bordo de uma frágil jangada feita de troncos podres e envelhecidos.

Dessa forma, a sabedoria que permeia as ruas consiste em compreender que a verdade, quando revelada e tornada manifesta, provoca no coração de quem a encontra um desespero ardente, um desejo imenso de que os outros, também, se iluminem com o conhecimento dessa mesma verdade. Contudo, a verdade, por mais legítima e autêntica que se apresente, não pode ser imposta, pois é fato indelével que o conhecimento da verdade se configura como luz para as almas, ao passo que se torna tormento inescapável para aqueles que, por um infortúnio do destino, já a conhecem.

A Prostituta



Louis conheceu Carla Felício da Silva num daqueles dias em que o tempo parecia suspenso, no final da sua adolescência, quando o mundo ainda se oferecia em vastas promessas e incertezas. Ela era filha de Aparecida, mas de pai desconhecido, ou melhor, de Marco, o qual, nunca quis conhecer Carla.

Louis, com seus sonhos carregados de esperança, ansiava por algo que pudesse dar-lhe significado. Carla, por outro lado, com uma vivacidade inquieta e olhar desafiante, via no futuro apenas o hoje, o agora. O encontro entre ambos não se deu sob as bênçãos de um romance puro, mas antes sob o signo das aventuras carnavais, aquelas que deixam na pele o rastro de um desejo fugaz. Louis, contudo, quis dar àquela relação um tom mais solene, uma profundidade que a própria Carla não compartilhava.

Passaram-se os anos. Louis, que nutria um sentimento oculto por ela, resignou-se ao papel de “amigo”. A amizade, pensava ele, era uma forma de estar perto, de manter acesa uma esperança vaga, e em Carla depositou toda a sua confiança. Ela era mais que uma amiga; tornara-se a guardiã de seus segredos, como os livros que se abrem em confidências silenciosas, ou os pergaminhos desenrolados que revelam a alma humana. Carla ouvia, sem pressa, as confissões de Louis, enquanto sua própria vida seguia por caminhos que ele apenas imaginava, sem jamais sondar.

Durante dez longos anos, essa amizade se fortaleceu, até o dia em que uma fissura irreparável surgiu. O abalo não veio por acaso. Louis havia conhecido Júlia, uma moça de gestos delicados e olhos que prometiam um futuro mais calmo, e com ela decidiu casar-se.

A notícia chegou aos ouvidos de Carla como uma revelação amarga. E, então, algo inesperado aconteceu: ela confessou, num lampejo tardio, que sempre o amara, que os anos de silêncio escondiam uma paixão não dita. Mas já era tarde. O destino, que tantas vezes parece brincar com as vidas humanas, já traçara seus próprios caminhos.

A revelação de Carla, por si só, não bastaria para destruir a relação que eles tinham. Porém, o que veio em seguida manchou para sempre o laço que haviam construído. Enteeda de um líder religioso rigoroso, daqueles que se lançam com zelo inquisidor sobre os pecados alheios, que cuida de julgar os pecados alheios, sem antes julgar, por exemplo, o adultério de sua própria casa; Carla, sufocada por dívidas e promessas não cumpridas, entregou-se à prostituição por uma soma miserável. Quando

Louis descobriu o fato, foi acometido por um desgosto profundo. Não pelo ato em si, mas pela humilhação silenciosa de saber que ela, sua amiga de longa data, não lhe pedira ajuda.

— Eu lhe daria o dinheiro de bom grado — murmurava ele para si, indignado — Bastava pedir, e eu lhe daria.

A amizade, que antes parecia invulnerável, começou a ruir sob o peso dessas novas circunstâncias. Carla, tomada por uma culpa amarga e o medo de que Louis revelasse sua queda ao mundo, decidiu atacar antes que ele pudesse fazê-lo. E assim, em desespero, passou a acusá-lo de uma série de crimes. As acusações, uma após a outra, carregavam um peso sufocante, e Louis, que sempre a considerara sua confidente, viu-se agora na posição de réu diante de uma sociedade que o olhava com desconfiança.

Os rumores chegaram às autoridades, mas logo se tornaram tão frequentes e insustentáveis que até a polícia percebeu o que se passava. Era claro que as denúncias não passavam de tentativas desesperadas de silenciar Louis, o único que sabia da verdade sobre Carla: a enteada devassa do homem que pregava o juízo moral a toda uma congregação, mas não vigiava a moralidade de seu próprio teto. E assim, entre sombras e meias-verdades, a amizade que durante tanto tempo fora o sustento da alma de Louis dissolveu-se no ar pesado e irrespirável das traições humanas.

Louis, agora, caminhava sozinho, carregando o peso da desilusão, enquanto Carla, perdida nas armadilhas que ela própria criara, via-se imersa num labirinto de culpas e mentiras, sem saída.

Louis, no meio da penumbra da noite silenciosa, sentiu a alma pesar com uma melancolia densa, como se o próprio ar se tornasse insuportável de respirar. Sentado em sua poltrona já gastava, os pensamentos vagavam, sempre retornando à figura de Carla, como um fantasma que insistia em assombrá-lo. E, então, como que arrancado de suas meditações, ouviu o som de um sino ecoar pela casa — um som estranho, afinal, embora fosse o som da campainha de sua porta, não se lembrava de que aquele seria o seu real timbre, afinal, há tantos anos exilado, ninguém lhe batia à porta. Levantou-se com dificuldade, como quem já está cansado da própria existência, e desceu as escadas lentamente, cada passo carregando o peso de seus anos e arrependimentos.

Ao abrir a porta, o ar parece gelar de súbito. Ali estava Carla, ou o que parecia ser ela, em sua figura inconfundível. Louis, tomado por um espanto que lhe arrepiou até os ossos, bateu a porta com um estrondo, como se quisesse salvar aquela visão, aquela sombra do passado que agora se erguia ante ele. Correu ao escritório com uma determinação sombria, pegou sua velha espingarda, uma arma que nunca havia sido utilizada, mas que agora parecia ser a última defesa contra os horrores do mundo — ou contra si mesmo.

Ao retornar à porta, abriu-a com violência; os olhos em chamas de uma raiva que já não conseguiu mais conter. Carla, ou o que quer que fosse aquilo, estava ali, imperturbável.

— Saia daqui sua prostituta! — bradou ele, a voz ressoando pela noite escura como uma sentença de condenação. — Não bastasse

ter destruído a minha vida, agora quer fazer da minha morte um tormento?

Louis, trêmulo de ódio, transmitiu a espingarda, mas não atirou. Diante dele, não era apenas a mulher que o traiu, mas a personificação de todas as suas dores, de todos os anos de sofrimento que ele jamais conseguiu esquecer. Carla não se moveu, e por um instante, o silêncio caiu sobre os dois como um manto pesado.

A figura à porta não era a Carla viva, em carne e osso. Era uma sombra de si, uma lembrança encarnada das profundezas da mente de Louis, um reflexo do passado, moldado pelas mágoas que ele acumulou ao longo dos anos. Carla — ou o que ela representava — avançou com passos leves, como se deslizesse pelo chão, e sem pronunciar uma palavra, entrou na casa. Sem pedir permissão, sentou-se na poltrona

preferida de Louis; a poltrona em que ele dedicava seu tempo a pensar na desgraças de sua vida, enquanto percorria com os olhos as palavras que pintavam os inúmeros livros que desbrava em busca do saber.

Louis, em meio àquela sala escura e abafada, onde o ar se movia pesado como um manto de veludo, guardava em si um silêncio que dizia mais do que qualquer palavra.

O silêncio que se abalou foi avassalador. Louis, incapaz de compreender por completo o que estava apostando, ficou parado, ainda segurando a arma com as mãos trêmulas. A presença de Carla — ou a Morte travestida dela — não era ameaçadora, mas também não trazia consolo. Ela apenas estava ali, observando, como se aguardasse que Louis compreendesse algo que ainda não lhe era claro.

— Carla... — disse Louis, com a voz embargada, enquanto seus olhos transbordavam uma tristeza antiga — Ah, você não tem noção do mal que me causou durante toda a vida, tem? Certamente, desconhece as profundezas dos meus sentimentos mais sombrios, rachando minha alma, expondo feridas que jamais cicatrizarão, pois, em minha insensatez, confiei em você, uma prostituta!

Naquela acusação velada, Louis revivia a dor que o havia lançado aos becos escuros da vida. Lá, nas ruas desoladas, encontrou o abraço traiçoeiro dos ópios, aqueles venenos que mais viciam pela promessa de fuga do que pelo torpor que provocam. O ópio não era a verdadeira dependência, mas a ilusão de paz, a paz que ele jamais conseguiu encontrar.

— Ah, Carla... Você não faz ideia do que é segurar uma arma, sentir o metal frio contra o

céu da boca, apertar o gatilho e, no entanto, nada acontecer... — A voz de Louis tremeu. — ... senão o desespero de ainda estar vivo, ainda respirando.

Cada palavra soava como uma última confissão, carregada de rancor e resignação. Ele nunca buscou a ruína em que agora vivia. Não fora por escolha que ele se tornara um miserável, um ser cuja existência pesava mais do que qualquer história que pudesse ser escrita.

Louis, atormentado pelo passado, não culpava o destino, mas a mulher à sua frente, aquela que, mesmo sem saber, deixara em seu rastro um homem destruído.

— Eu guardo todas as tristezas dentro de mim — começou, sua voz trêmula e distante, como quem fala não a uma outra alma, mas a um eco perdido nas vastidões de sua própria mente. — Ali, no íntimo, eu consigo chorar,

gritar, expor-me sem medo, ante a tirania dos sentimentos.

Louis tinha consigo que Carla jamais tivera qualquer ato de misericórdia ou piedade, tendo em vista que ela mesma, quando jovens, havia dito-lhe não se importar com a dor dos outros. Louis, resignou-se a dizer aquilo que lhe estava travado por entre a boca e o coração — E sabes por que dizes que não te importa a minha dor, que devo eu mesmo curá-la? — Assim o silêncio manifestava seu estrondoso método de causar desconforto, ante a ausência de uma resposta, embora Louis já a tivesse em seu coração por muitos longos anos.

Aquelas palavras pesaram como chumbo no ambiente, atravessando o silêncio opressor da sala. Carla, sentada à sombra, ouviu-o com um misto de desprezo e curiosidade, incapaz de entender o alcance das angústias que Louis

despejava sobre o espaço. Ele prosseguiu, sombrio, com seus olhos refletindo uma amargura há muito reprimida.

— Não, você não sabe... Porque, quando a dor que vês é a dor do inimigo, ela não te comove. A compaixão se dissipa quando o sofredor é alguém que desejas ver destruído. A dor alheia, neste caso, não é senão parte de tua vitória. Tu me fizeste inimigo teu...

Carla, numa tentativa de romper o torpor da conversa, ergueu o olhar:

— Mas por que te isolas assim?

A pergunta parecia mais uma indagação casual, sem profundidade, como se ela não esperasse realmente uma resposta. Louis fitou-a, como se a pergunta tocasse algo muito além de sua simples presença ali.

— Eu me isolei? Não, eu libertei-me. Libertei-me de um mundo cruel e mesquinho,

onde existem muitas outras como tu. Talvez seja por isso que me isolei — o ar denso da sala parecia pesar ainda mais, como se as paredes absorvessem as palavras que ele agora deixava escapar. — Sou mais que uma simples existência perdida no caos da inconsciência. Eu sou o destino, a última estação da vida. Nós, humanos, somos constituídos de tudo, e em nós reside o universo, ainda que sejamos, ao mesmo tempo, nada. O Criador, por sua vez, é tudo. Ele permanece, mesmo quando nós desaparecemos. E, diante desta imensidão, ao perceber que eu não sou absolutamente nada, além de pequena poeira cósmica, isolei-me para não mais sentir a dor que tu me causaste.

Com o tempo, a raiva em Louis começou a se dissipar, deixando um vazio profundo em seu lugar. Carla não se movia, e não era necessário que o fizesse. Sua presença ali era a

lembrança encarnada, a última prova de que Louis precisava encarar suas memórias, seus erros, suas dores. Ela era a síntese de tudo que ele nunca conseguiu deixar para trás.

Finalmente, Louis deixou a espingarda cair no chão, ao som surdo da madeira ecoando pela sala escura. Ele olhou para a figura sentada em sua poltrona, e algo dentro dele cedeu. Compreendi, então, que aquela visita não era para puni-lo, mas para prepará-lo. O silêncio entre os dois era o último diálogo de suas vidas, onde as palavras não eram mais necessárias. Aquela presença era a representação da cura que ele tanto buscava, o prelúdio para o abraço que ele sabia estar próximo — o abraço final, o meu abraço, o abraço da Morte.

A penumbra parecia envolver Louis como uma mortalha. Ele continuou, com o tom melancólico que Carla nunca soubera decifrar.

Carla, talvez a pior de suas memórias, não pelo fato de seu grande erro, mas sim pela condição de extrema confiabilidade depositada em alguém que lhe tirou a dignidade de viver, perguntava-lhe sobre os amigos que Louis havia conquistado no decorrer da vida.

— Amigos? Que amigos? Nunca tive um, senão o Criador. Aqueles que passaram pela minha vida eram meros companheiros de estrada, sombras fugazes. Amigo, para mim, é aquele que não parte, que não abandona, e isso eu jamais encontrei entre os homens.

As paredes da sala pareciam fechar-se ainda mais, como se fossem cúmplices da sua solidão. Louis inclinou-se para frente, com seu olhar perdido em um ponto invisível.

— Chegou o tempo de decidir. Não há mais espaço para amizades fúteis. Quem serão aqueles que, na última hora, pegarão em armas

e seguirão ao meu lado na batalha da vida?
Quem ficará comigo na trincheira final,
encomendando minha alma ao Criador,
fechando meus olhos ao fim quando eu partir?

Carla, envolta em sua própria nuvem de pensamentos, ouvia-o sem interromper. A confissão de Louis era um eco do tormento que ela, talvez, nunca compreenderia. Ele prosseguiu, seu tom mais sombrio.

— Durante toda a minha vida, refleti sobre antigos manuscritos, aqueles que falam da queda da velha-serpente. Seu orgulho, sua curiosidade a condenaram a este mundo: a Terra, o verdadeiro inferno. E hoje, compreendo que já estou nesse inferno desde o dia em que te conheci.

O olhar de Louis encontrava-se agora fixo em Carla, como se todas as suas angústias convergissem para aquele instante.

— Eu suportei em silêncio os teus golpes, teus açoites. E quando minhas orações não encontravam resposta, compreendi: o Criador não ouve o inferno. E tu foste o inferno da minha vida; foste a velha-serpente que me enganou e traiu.

O tom, antes firme, agora se quebrava em uma espécie de resignação amarga.

— E, contudo, eu te perdoaria, se pedisses perdão. Não por fraqueza, mas porque sei que, assim como eu, tu és imperfeita.

Carla ficou em silêncio, o peso das palavras de Louis caindo sobre ela como uma chuva pesada, sem cessar. Ele prosseguiu, sua voz agora quase um sussurro, misturado à escuridão da sala: — Todos me avisaram sobre ti, sobre tua maldade. Mas eu confiei... eu permiti que me destruísse. Acreditei, contra todas as evidências, que eras diferente.

E assim, Louis calou-se, como quem entrega a alma ao destino. A sala, outrora escura e densa, parecia agora um cenário de despedida, onde as palavras se tornavam fantasmas, ecoando pelos cantos, como recordações de uma história que chegava ao fim.

— Carla Felício da Silva — começou ele, pronunciando sua alcunha por completo, e cada sílaba parecia arrastar-se com o peso de anos de sentimentos reprimidos. — Do fundo de meu coração, no íntimo de minha alma; do abismo onde se encontra o meu espírito, eu te pergunto... — E seus olhos, que pareciam implorar por respostas, cravaram-se nos dela, que permanecia imóvel, como uma estátua impassível diante do martírio. Houve um instante de silêncio, um daqueles silêncios que parecem esticar-se por uma eternidade, onde o tempo não se move e cada segundo é uma

agonia suspensa. — ... que mal eu te fiz para que causasse em mim tamanha dor? — A pergunta saiu de seus lábios como uma lâmina, cortando o ar entre eles, rasgando a tensão invisível que os separava. Era um grito mudo, uma súplica embebida em tristeza, uma busca desesperada por explicação para a ferida aberta em seu peito.

Carla permaneceu inerte, os olhos frios, como se não pudesse, ou não quisesse, oferecer resposta, tal qual as prostitutas que, ao receber o pagamento de seus sórdidos serviços, vestem-se, viram as costas e partem rumo aos diversos destinos, sem ao menos descobrir o nome do cliente.

Efemeridades



Na sexta-feira, vinte e três de agosto, o sol matinal filtrava-se pelas cortinas da cozinha, iluminando o ambiente com uma luz suave. Louis já havia se acostumado àquela rotina, simples e solitária. Ele levantava, vestia o roupão surrado, e ia direto para a cozinha preparar o café. Tudo seguia o curso habitual, mas nos últimos dias, algo dentro dele havia mudado. Ele esperava por minhas visitas, embora não soubesse quando, de fato, eu viria.

Naquela manhã, porém, achei por bem fazê-lo lembrar-se que na vida, sobretudo a sua vida, coisas boas acontecem; pessoas boas cruzam os caminhos e transformam a tristeza em um fardo um pouco mais leve.

Louis não sabia dizer se estava acordado ou sonhando, mas a sensação era vívida demais para ser um sonho comum. Ele estava envolto na melancolia daquela casa abafada em que

tantas noites passara; o pequeno refúgio onde Jess e ele haviam compartilhado os dias mais intensos após a sua grande desilusão. O som suave de uma velha música de suas memórias flutuava no ar, criando uma atmosfera quase familiar, mas algo não se encaixava.

Faz parte do processo da vida recordar as alegrias que a própria tristeza proporcionou – sim, até mesmo a tristeza traz consigo alguma alegria que, embora não perceptível quando as lágrimas escorrem, tornam-se claras quando o tempo chega para explicar os motivos que trouxeram aquela tristeza.

O tempo passou para Louis e, com o tempo, ele se esqueceu daqueles bons momentos vividos com uma pessoa que ficou por tão pouco tempo ao seu lado.

Naquela manhã, portanto, quando Louis acordou, sentiu subir pelas escadas um cheiro

de café, mas Louis não é de tomar café. Logo, o cheiro do café fez com que ele resgatasse uma memória feliz. E, enquanto buscava outros elementos desta memória, levantou-se da cama, calçou as sandálias e desceu até a cozinha. No caminho, forçava a mente para trazer à tona aqueles outros bons momentos esquecidos.

Ao entrar na cozinha, viu aquela mulher dos cabelos negros e cacheados que, mexia o café vagorosamente. Ela tinha familiaridade com aquela cozinha; parecia que estava em sua própria casa, com uma mão na cintura, encostada na parede, de forma a demonstrar que ela estava bem ali.

Ao terminar o preparo do café, essa mulher virou-se e, ao virar-se, Louis pode sentir a impressão de que o tempo caminhou mais devagar. Ao virar-se, aqueles olhos castanhos irradiavam um brilho que penetrava a qualquer

que eles observassem, afinal, eram os olhos de Jess, ou, como carinhosamente ele a chamava, “Jazz”.

Ela usava o mesmo moletom cinza que costumava vestir nas manhãs frias que passaram juntos, enquanto segurava uma xícara de café nas mãos, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Louis observou a cena por um momento, respirando fundo antes de se aproximar.

— Bom dia! — Disse Jess ao ver Louis imóvel no centro da cozinha.

Louis, no entanto, não sabia sequer como responder àquela saudação. Sentou-se, respirou bem fundo, olhou rapidamente para Jess e acenou com a cabeça. Respondeu, portanto, aquele bom dia de forma educada e silenciosa.

Ela estava ali, em pé, com o mesmo olhar caloroso e aquele sorriso que um dia o fez acreditar que poderia ser curado. Mas algo nela estava diferente. Seus olhos, antes vivos, agora pareciam esconder um vazio profundo, e seu sorriso, embora familiar, não tinha mais o brilho de outrora. Era como se uma sombra invisível pairasse ao seu redor, tornando a cena ao mesmo tempo reconfortante e aterrorizante.

— Jess? — Ele perguntou, a voz quase trêmula. — Isso... isso não pode ser real.

Ela riu baixinho, um som que deveria ser reconfortante, mas que soava perturbador nas circunstâncias.

— Real? O que é real, Louis? — Ela inclinou a cabeça levemente, estudando-o com curiosidade.

— Eu estive aqui o tempo todo. Você foi quem me esqueceu.

Louis balançou a cabeça, confuso. Ele sabia, no fundo, que aquilo não era Jess. Jess havia partido há anos, se distanciado da sua vida. E, mesmo que ele ainda guardasse lembranças boas, aquilo não fazia sentido. Seu coração batia forte no peito, e o calor do ambiente parecia se tornar insuportável.

— Não, você foi embora. — Ele finalmente respondeu, os lábios secos. — Nós dois seguimos em frente... Quer dizer, você seguiu. Isso aqui não é real. Não pode ser.

— Eu preparei o seu café. Com ou sem açúcar? — Jess fez a pergunta para que o clima de suspense, nostalgia e alegria, fosse, então, superado.

Logo após Jess terminar sua pergunta acerca da condição do café, Louis, em tom irônico, respondeu-lhe: — Ora, se és que aparenta ser, sabes como eu beberia o meu café.

Jess sabia que Louis gostava de pouco café na xícara, sem açúcar. Sendo assim, preparou da maneira certa, do jeito que ele gostava.

— Aqui está! — Respondeu Jess — Diga-me, agora: sou quem aparento ser?

A pergunta de Jess a Louis foi profunda, afinal, ele reconheceu que aquela não seria apenas uma fantasia de sua cabeça, mas sim uma de suas poucas felizes memórias que estava ali, diante de seus olhos.

Passado o impacto inicial de toda memória, Louis tentou desconversar e ser gentil. — Como você está? O que tem feito da vida? — perguntou Louis a Jess.

Jess, por sua vez, respondeu como sempre: — Ah... — ressaltando que após as reticências, haveria alguma história para contar.

A verdade é que, dentre as visitas, a de Jess foi a que mais confortou Louis. Isso porque, durante o momento em que estiveram juntos, Louis pôde, ainda que minimamente, esquecer de todas as suas dores vivenciadas à época, as quais, retornaram quando Jess partiu.

Ao sentar-se à mesa para tomar aquele café, Louis então tomou conhecimento daquilo que estava acontecendo diante dos seus olhos. Percebeu quem, de fato, estava a visitá-lo. Percebeu, pois, a fisionomia de Jess era a mesma de quando estavam juntos, ou seja, ela não envelheceu um único dia. Logo, Louis passou a questionar-se se aquilo que estava acontecendo era um sonho, um estado avançado de debilidade mental ou uma “boa assombração”.

É bem verdade que Louis e Jess tiveram, também, momentos difíceis quando estavam

juntos, sobretudo, por um fato que viria abalar o casal.

Louis, com as mãos trêmulas, observava o vazio à sua frente, o mesmo vazio que habitava seu peito. Jess, já sentada a alguns metros, mantinha o olhar cravado no chão, como quem se escondia das próprias memórias, ou das memórias de Louis. O silêncio na casa era denso, quase palpável.

— Não sou eu quem te faz sofrer, Louis... — murmurou Jess.

Ele levantou-se, permaneceu em pé, as costas rígidas, olhos fixos na figura esguia de Jess.

— Talvez não fosse você — respondeu ele, a voz baixa, arrastada pelo cansaço da vida. — Mas o que você fez... Isso, sim, me corroía.

Havia nos olhos de Louis um abismo. Aquela confissão nunca fora feita em palavras,

mas o silêncio entre eles já dizia tudo. Jess havia abortado, e ele soubera antes mesmo que ela pudesse contar. Mas o que o destruía não era apenas o ato em si, mas o que ele significava. Um filho, o seu filho, arrancado de si antes de nascer, como se a vida lhe negasse, mais uma vez, aquilo que ele tanto desejava.

Louis se aproximou lentamente, suas palavras já encharcadas de um perdão que, ele mesmo sabia, seria completo, pois já havia perdoado quando viviam juntos. Seus dedos hesitaram no ar, antes de pousarem sobre os ombros de Jess.

— Jess... — começou ele, a voz trêmula, mas firme. — Eu te perdoo. De novo eu te perdoo!

Ela levantou o rosto, os olhos arregalados, como se não tivesse esperado ouvir

aquilo, como se a palavra "perdão" fosse algo distante, quase impensável.

— Não posso... Não posso acreditar nisso, Louis — respondeu, balançando a cabeça, incrédula. — Como pode me perdoar? Eu arranquei de nós dois algo que nunca teremos de volta. Algo que era seu, tanto quanto meu.

Louis, em pé diante dela, parecia vacilar sob o peso de suas próprias palavras. Ele havia sonhado em ser pai desde que saíra do seminário, uma antiga vocação frustrada, uma nova chama que ressurgia com Jess. Agora, essa chama se apagava, e tudo o que restava era a cinza do que nunca seria.

— Eu não esquecia — murmurou ele, com os olhos marejados. — Não podia. Mas... — e sua voz falhou por um instante — podia perdoar. Perdoar porque, no meio de todo esse

caos, você fora... a única coisa que me trouxera alegria. E mesmo agora, com tudo que acontecera, eu via que o medo que você sentiu... foi um medo que eu criei.

Ela o encarava, em silêncio, cada palavra penetrando fundo. Louis se agachou diante de Jess, suas mãos segurando-lhe o rosto com uma suavidade que ele mesmo não sabia possuir.

— Não te culpo por teres medo — continuou ele. — Porque eu fui instável, sim. Porque te fiz pensar que só queria o teu corpo nu, que te deixaria quando as coisas ficassem difíceis. Mas o que eu queria... o que eu sempre quis... era a tua alma junto a minha, Jess. E agora, mesmo que perdida, eu ainda a via. Ainda via a mulher que cuidou das feridas da minha alma.

A confissão de Louis pairava entre eles. Ela percebeu, naquele instante, que o perdão de

Louis vinha não de uma absolvição fácil, mas de uma compreensão dolorosa. Ele reconhecia seu próprio papel no medo que ela sentira, no erro que ela cometera. E essa aceitação, mais do que qualquer outra coisa, trouxera uma trégua ao que parecia irreparável.

— Louis... — sussurrou Jess, sem conseguir completar a frase.

Ele, então, apenas a abraçou, como quem segurava algo que podia desmoronar a qualquer momento. Aquele abraço foi algo que, de certa forma, ajudou Louis a entregar-se ao seu destino.

Louis lembrou-se da carta. Ao lembrar, sentiu uma mistura de sentimentos que variavam entre o medo e o receio, a alegria e a tristeza, a certeza e as dúvidas. Louis percebeu que era eu quem o visitava, embora tal visita fosse travestida na personificação de Jess, a

parte boa, o perdão sincero, de suas memórias quase infinitas.

— Jess, sente-se! — Bradou Louis àquela que estava quase próximo à mesa, mas ainda não havia se sentado.

— Engraçado. — Louis disse após um momento de silêncio. — Eu achava que estava em paz com o nosso passado. Achei que, depois de tudo que passei, já tinha resolvido essas questões. Mas, nos últimos dias, você tem aparecido cada vez mais... incisiva.

— Porque você nunca realmente se despediu, Louis. — A figura de Jess respondeu, sem desviar os olhos dele. — Você seguiu em frente, sim, mas deixou pedaços de si espalhados pelo caminho. Eu sou só um lembrete do que ainda está inacabado.

Louis franziu a testa, sem desviar o olhar da figura à sua frente. A chaleira começou a chiar no fogão, mas ele permaneceu imóvel.

— E o que está inacabado? — Ele perguntou, embora soubesse a resposta no fundo.

Jess tomou mais um gole de café antes de responder, e o gesto parecia tão natural que por um momento ele quase esqueceu que ela não era real.

— A dor. O sentimento de que você nunca fez o suficiente. Você ainda pensa nisso, mesmo que não queira admitir. Eu fui a pessoa que te ajudou a se reerguer, mas você nunca realmente me deixou ir — respondeu Jess.

Louis desviou o olhar para a janela. O brilho do sol na louça da pia ofuscava seus olhos. Ele sabia que aquilo era verdade, mas não esperava ouvir tão claramente. Havia uma

saudade, sim, mas misturada com arrependimento, como se ele ainda tivesse deixado algo pendente.

— Eu estava quebrado. — Ele finalmente disse, com uma voz quase distante. — Você me ajudou, mas... não era sobre você. Era sobre mim. Acho que sempre soube disso.

— Eu nunca te agradei o suficiente por tudo que fez por mim. — Ele continuou, a voz baixa e suave, como se falasse para não romper o silêncio reconfortante entre os dois. — Você me salvou, Jess. Quando eu estava perdido, você estava lá. Eu nunca vou esquecer disso.

Jess inclinou a cabeça, um gesto que ele lembrava tão bem. Ela colocou a xícara vazia sobre a mesa e o encarou, dessa vez com uma seriedade que atravessou qualquer barreira emocional que ele tentava erguer.

— Talvez seja hora de aceitar que nem todas as coisas precisam ser resolvidas, Louis. Algumas memórias, alguns sentimentos, simplesmente existem. Elas fazem parte de você, como eu fiz. Mas agora, é hora de deixar essas coisas repousarem.

Louis assentiu, sentindo o peso daquela verdade. Ele sabia que, embora Jess tivesse sido uma âncora em sua vida, ele também havia sido algo importante para ela. Eles compartilharam um tempo que foi mais do que apenas cura; foi conexão, mesmo que breve.

O silêncio voltou a tomar a cozinha, mas era um silêncio doce, confortável. Louis a observava, com um carinho quase palpável, e o coração se apertava em gratidão. Ele sabia, no fundo, que aquele encontro era mais do que um momento nostálgico. Era um adeus. Ou talvez uma despedida que ele nunca soubera dar.

— Jess, eu... — Ele começou, mas a voz embargou, e ele não conseguiu terminar a frase. Era difícil admitir para si mesmo, mas ele sabia que estava se despedindo de novo.

Ela estendeu a mão por sobre a mesa e tocou a dele, o gesto suave e familiar. Louis sentiu o calor daquele toque, algo tão real que quase poderia acreditar que o tempo não havia passado, que ela ainda estava ali, viva, em sua vida.

— Não precisa dizer nada, Louis. — Ela sussurrou, a voz delicada, mas firme. — Eu sei. Sempre soube.

Ele sorriu, sentindo a emoção transbordar. Jess, a mulher que havia sido seu porto seguro, estava diante dele uma última vez. E, por mais que doesse, ele finalmente sentia que poderia seguir em frente.

Ele voltou a encará-la. O rosto de Jess, tão familiar, parecia ao mesmo tempo uma lembrança dolorosa e um consolo. Era a primeira vez que a Morte, em suas diferentes formas, falava de maneira tão direta sobre o que ele realmente precisava. Nos outros dias, ela tomara formas de amigos perdidos e até familiares, mas hoje, era Jess. Não só a mulher que ele amara por um período de tempo, mas o símbolo de sua tentativa de cura.

— Talvez... — Ele murmurou, sentindo o peso das palavras se dissipar lentamente. — Talvez eu precise deixar essas coisas no passado, de verdade.

Jess, levantou-se da cadeira com a mesma graça suave de sempre, caminhando até a janela. Ela olhou para fora por um momento, antes de voltar-se para ele.

— O passado não precisa ser esquecido, Louis, só não pode ser o seu presente. E por enquanto, você ainda tem o agora. Não desperdice isso.

— Você sempre soube o que eu precisava, não é? — Ele disse, brincando com a mão dela, como fazia tantas vezes quando estavam juntos.

— Só queria que você encontrasse paz, Louis. — Jess respondeu, seus olhos agora cheios de um carinho que ele não via há muito tempo. — E acho que está começando a encontrar. Jess referia-se a mim que, por ocasião de Justiça, assumi a sua forma, a fim de dar a Louis seus últimos momentos felizes, ainda que nas lembranças.

— Louis...? — Assim, com voz baixa, Jess indicou à Louis que lhe faria um questionamento derradeiro. Por certo, assim ela

o fez. De modo muito sereno e suave, perguntou a Louis — Quais as suas maiores lembranças mais felizes?

Louis, por um determinado momento, tentou buscar nas memórias do seu passado aquelas lembranças que marcaram sua história. Julgando-as como poucas lembranças, Louis respondeu, até que de forma firme — Você... Você, Jess, é minha maior lembrança, porque tentou me ajudar quando eu me perdi!

Jess, com o olhar de espanto e acenando negativamente e vagarosamente com a cabeça, olhou para Louis, passou a mão em seu rosto e, com muita ternura, respondeu-lhe — Não, Louis... Eu sou apenas um momento de sua vida; um momento que terminou. Este momento pode ter sido bom para nós, mas não ao ponto de ter sido uma lembrança capaz de fazer com que você a colocasse na prateleira dos

troféus de sua vida. Certamente existem lembranças que superam momentos, quais são as suas?

Após essa resposta, Louis sentiu-se ainda mais triste, pois não conseguia buscar algo feliz em sua história. Porém, em um breve momento, ao olhar o retrato que estava na sala, pôde, por um breve período de tempo, regressar à sua infância; àqueles momentos em que ia até a Lagoa do Taquari para pegar peixinhos com seu pai; ou então, quando, juntamente com sua mãe e seu pai, visitavam os animais no Bosque dos Cambuís. Ainda, lembrou-se dos momentos em que fazia fogueirinha de palitos de fósforos com sua tia, ou, ainda, nos momentos em que estava com sua avó.

— Em minhas lembranças, estão meus pais... — Louis respondeu isso com a voz

extremamente embargada, com o olhar de saudade e um breve sorriso que, definitivamente, demonstravam ser aquelas as melhores lembranças de sua vida.

Ele não soube o que dizer. Talvez não precisasse dizer mais nada. Apenas tomou a mão dela e a apertou gentilmente, deixando que o silêncio falasse por eles. O café na xícara esfriava, mas o calor entre eles era suficiente.

— Vou sentir sua falta. — Louis disse, num murmúrio quase inaudível.

Jess sorriu, dessa vez com uma leveza que parecia dissipar qualquer tristeza.

Ele observou enquanto ela se afastava, saindo da cozinha sem fazer barulho. Quando ela desapareceu, o ambiente pareceu mais leve, e Louis se levantou para pegar a chaleira que ainda apitava. Serviu-se de mais café, sentindo uma estranha paz em meio àquele caos interno.

Ainda havia muito a resolver, mas agora, a presença da Morte — em suas diferentes formas — já não era mais uma ameaça. Ela era um lembrete. E Jess, com sua memória suave e melancólica, era apenas mais uma peça de um quebra-cabeça que ele finalmente começava a entender.

Calçando os Sapatos



Naqueles dias de outono que antecedem a primavera, em que as folhas se entregavam à dança da brisa, Louis, já em sua senectude, sentou-se à sombra da árvore frondosa que haveria de se tornar a pitombeira amaldiçoada de sua vida. O murmúrio suave dos ventos parecia sussurrar segredos do passado, e, enquanto seus olhos se perdiam-se no horizonte, as memórias surgiram como fantasmas em um baile de recordações. Ah, como lhe era doce recordar o rosto de seu pai, homem de grande estatura e grande dignidade. A imagem do pai surgia com a clareza da luz que atravessa os primeiros raios da manhã, trazendo consigo os ensinamentos que moldaram sua vida.

Louis recordava os dias de sua meninice, quando, com passos apressados, corria atrás das borboletas no vasto campo que circundava a

casa pobrezinha que morava com seus pais. A presença paterna, sempre atenta, era o farol que iluminava suas aventuras.

Era seu pai quem estava ali, como um eco do passado, envolto em uma aura quase sobrenatural. A sua aparência era a mesma de muitos anos atrás, quando Louis ainda era um menino que olhava para ele com olhos cheios de esperança. O pai estava vestido com uma simplicidade que lhe era característica: uma camisa de algodão, as mangas arregaçadas e um sorriso que irradiava firmeza. Contudo, havia algo distinto e perturbador naquele semblante, como se a luz que o cercava não fosse apenas a da vida, mas uma luz mais densa, mais misteriosa.

— Louis — disse ele, com uma voz que trazia consigo o peso de um tempo que não se

apagava. — Eu sempre estive aqui, mesmo que você não pudesse me ver.

Louis sentiu uma confusão de alegria e estranheza. O coração pulsava acelerado, pois sabia que, por mais visível que fosse aquele homem, ele não era de fato seu pai. Era uma lembrança de um homem bom, que falecera há anos, mas que agora se materializava diante dele. A figura paterna, que sempre fora o seu pilar de sustentação moral, agora aparece como uma espécie de fantasma, uma representação da saudade que lhe afligia.

— Eu vim porque você precisa de mim, meu filho — continuou seu pai, a voz suave como a brisa noturna. — O peso que você carrega é grande, e é hora de conversarmos sobre tudo aquilo que lhe aflige.

Louis olhou para aquele ser que o conhecia tão bem, e ao mesmo tempo, tão

distante. Ele queria acreditar que ali estava a sabedoria acumulada de uma vida inteira.

— Você não está realmente aqui, pai — respondeu Louis, a voz trêmula. — Você partiu, mas, de alguma forma, parece que sua presença fez-se real durante toda a minha vida.

O pai transmitiu com a compreensão de quem já conheceu a dor da perda. — Eu não sou um simples passado, meu filho, mas a lembrança do que foi bom e do que pode ser novamente. Aprenda a distinguir o que é real do que é apenas uma sombra. Muitas vezes, a morte nos ensina sobre a vida, e estou aqui para te guiar nesse entendimento.

Os olhos de Louis se encheram de lágrimas. O pai, mesmo em forma de espectro, era um consolo. As memórias de risadas e histórias compartilhadas dançavam em sua mente.

— Como posso seguir em frente, pai? —

Disse, a voz embargada pela emoção. — Estou perdido e a vida parece um labirinto sem saída.

— A vida é, de fato, um labirinto — disse o pai, a expressão séria. — Mas mesmo no labirinto, há sempre uma saída. Você carrega dentro de si uma força para encontrar esse caminho. Não deixe que o medo da solidão te paralise. É natural sentir-se só, mas não se esqueça de que, na solidão, você pode encontrar suas verdades mais profundas.

Louis sentiu o calor presente e, ao mesmo tempo, o frio da sua ausência. Ele sabia que as palavras daquele homem, que tanto amara, não eram meras consolações; eram lições de vida, ditadas por quem conhecia a fragilidade da existência.

— Eu não quero esquecer o que você me ensinou — disse Louis, a voz baixa, mas firme.
— Quero honrar sua memória.

— E você honrará não apenas guardando memórias, mas vivendo plenamente. O amor que você sente, aquele amor que te feriu e que ainda te fere, é também o amor que pode te curar. A dor não é o fim; é o começo de um novo entendimento sobre si mesmo — disse-lhe o pai.

Alberto olhou para Louis com ternura, e, por um breve instante, Louis sentiu que o peso que a oprimia se tornava um pouco mais leve.

— Lembre-se, meu filho, que cada dia é uma nova oportunidade de amar e de ser amado. E mesmo que a vida pareça injusta e cheia de incertezas, você tem o poder de transformar essa dor em força. Eu estarei

sempre com você, nos momentos de dúvida e de desespero.

— Meu filho... — dizia o pai, com uma voz firme, mas doce — o valor do homem não reside nas suas posses, mas sim na capacidade de amar e perdoar e partilhar. O mundo é vasto, e tu deves estar atento às sutilezas que a vida te oferece.

— A vida, de certo, ofereceu-me alguns prazeres — replicou Louis, enquanto se esbanjava junto à figura de seu pai, narrando suas aventuras com as diversas mulheres que o acompanharam ao longo de sua jornada de vida.

Entretanto, com um olhar sereno e sincero, seu pai, colocando as mãos em seus ombros, fez-lhe uma pergunta auspiciosa e desconfortante — Afinal, de todas estas mulheres, quantas trouxeram-te a felicidade, o amor, o carinho, a ternura? — indagou-lhe, no

intento de fazê-lo compreender que os prazeres da carne não se coadunam com as necessidades da alma.

Louis, envergonhado, permaneceu em profundo silêncio...

Por ato contínuo, ouviu, então, de seu pai, as palavras duras e implacáveis — Louis, não é a quantidade de mulheres que confere a um homem a máscula robustez, mas sim aquela mulher pela qual estarias disposto a dar a própria vida — e, prosseguindo com sua narrativa, acrescentou — Como teu pai, posso afirmar-te que o que digo é a mais pura verdade. Não me foi necessário aventurar-me em leitos múltiplos para encontrar o amor; bastou-me tua mãe, ela que foi minha primeira, única e derradeira namorada. É claro que enfrentamos momentos difíceis, mas, em todos eles, sempre tínhamos um ao outro.

— E, após tantas mulheres, quantas estão agora ao teu lado? — indagou o pai, enquanto Louis se mantinha inerte, em um silêncio sepulcral, atento às palavras de seu progenitor que, agora, no vazio da solidão, ganhavam total sentido.

Naqueles momentos, Louis mal compreendia a profundidade das palavras do genitor. O que sabia, porém, era que em cada abraço trocado, em cada olhar cheio de carinho, ali residia a verdadeira riqueza que o tempo jamais poderia dissipar. Mas a vida, com suas incessantes exigências, logo o conduziu por caminhos que o distanciaram da simplicidade de sua infância.

À medida que o tempo avançava, Louis se deixou seduzir pelas promessas de um mundo próspero, esquecendo-se das lições de seu pai. Em sua busca por sucesso, entregou-se

a longas horas de estudos e trabalho árduo. As páginas de livros e os compromissos diários tornaram-se suas constantes companheiras, enquanto as risadas infantis e os ensinamentos paternos foram sufocados pelo clamor das ambições. As noites se tornaram vazias, e as conversas com as numerosas mulheres que cruzaram seu caminho foram meras fugazes distrações, ecos de uma solidão não confessada.

Arrependeu-se, então, de ter deixado passar os momentos simples que poderiam ter sido vividos ao lado de seus pais.

— Ah, se pudesse voltar atrás! — pensou ele, enquanto o peso do arrependimento o oprimia. Ele se viu preso em um ciclo de trabalho sem fim, buscando acumular riquezas que nunca poderiam substituir o amor e a companhia daqueles que realmente importavam. — O tempo... —

ponderou Louis — é um ladrão cruel que leva o que temos de mais precioso, e a morte, essa senhora implacável, não perdoa.

— Meu filho... — dizia o pai — não lamente o que não pode ser mudado. A vida é um constante aprendizado; cada escolha que fizeste, por mais errônea que pareça, te conduziu a esta sabedoria que agora carregas. E as mulheres que amaste, ainda que passageiras, trouxeram-te lições que nenhuma escola poderia oferecer.

Louis, ao ver seu pai, pôde crer que, ao menos nesta relação filial, o amor era, de fato, verossímil às ideias utópicas acerca do que é o amor, propriamente dito. O amor que seu pai sempre lhe ofereceu não se extinguiu, mas permanecia vivo em cada memória, em cada ensinamento.

— Filho... — disse Alberto, com a voz suave, mas firme — ... há algo que preciso te dizer sobre a vida e o amor. Lembro-me bem da época em que trabalhei de sol a sol, e, embora eu quisesse, não tive tempo de te levar para pescar. Não que faltasse amor em meu coração, mas as obrigações muitas vezes nos consomem. Às vezes, o amor não se traduz em palavras, mas em ações silenciosas, em sacrifícios feitos em nome da família.

Louis respirava fundo, observando como a luz filtrava-se pela vidraria das janelas, ouvindo, com atenção e melancolia, tudo aquilo que seu pai, ali, à sua frente, lhe ensinava.

— Não é justo que pais e filhos jamais tenham estado à beira de um rio, pescando juntos. — Aprofundou-se o pai em seus pensamentos.

— Deixe-me dizer que o amor é um bem precioso. Muitos o veem apenas como uma ocorrência química, uma necessidade da carne para atingir aos instintos primitivos e meramente replicantes da espécie, mas não se engane: o amor é muito mais. Ele é uma devoção verdadeira, uma força que pode nos elevar ou nos derrubar. Sem amor, a vida torna-se um deserto, uma viagem sem propósito.

Alberto, em semblante de vetusto trabalhador, de mãos calejadas e olhar profundo, sentava-se numa cadeira desbotada junto à lareira. Seus olhos, quais se cravassem na distante linha de algum pensamento, miravam o fogo que crepitava vagaroso, como se aquele calor invocasse memórias dormentes, guardadas por entre as cinzas do passado.

Louis, de pé, não longe, observava-lhe em silêncio. Sentia no peito um turbilhão de

emoções, misto de saudade e gratidão, mas também de um sentimento que não saberia bem nominar. As palavras que guardara por longos anos, enclausuradas na alma, agora brotavam, mas de forma hesitante, como se temesse o julgamento do tempo.

— Pai... — disse Louis, em voz murmurante, que, no entanto, buscava arrebatarse num entusiasmo súbito, ainda que trêmulo. — Eu me lembro de bons momentos felizes que passamos juntos. — E seus olhos, baços de emoção, procuravam encontrar nos do velho o reflexo de suas lembranças. — Eu me lembro de quando era pequenino, nos dias frios, enquanto mamãe me arrumava antes de dormir, para que, no dia seguinte, fosse à escola. E tu, já no romper da manhã, com teus gestos de carinho que eu mal sabia interpretar, me acordavas...

O pai não desviava o olhar do fogo, mas seus lábios se apertavam numa linha fina, como se as palavras do filho penetrassem fundo nas muralhas de seu silêncio.

— Colocavas-me a meia nos pés, ainda embaixo das cobertas... — continuou Louis, sua voz vacilando entre o afeto e a saudade. — E me levavas à escola. Nunca te vi reclamar... nunca percebi..., mas hoje, ao lembrar do percurso, sei que essa tarefa nunca te foi um fardo. — Louis engoliu em seco, como se aquelas palavras fossem uma espécie de confissão que ele próprio precisava ouvir. — Fazias porque gostavas, e eu... eu me sinto feliz, mas também ingrato, por não ter compreendido que eu era aquele a quem dedicavas parte do teu dia.

Um leve tremor percorreu o rosto, como o vento que fustiga as árvores nas colinas,

movendo folhas esquecidas pelo chão. Mas o silêncio manteve-se, pesado, como as nuvens de um dia de inverno que teimam em cobrir o azul do céu.

— Pai... — Louis prosseguiu, e agora sua voz era quase um sussurro, como se falasse mais ao passado do que ao presente. — Tu nunca soubeste demonstrar a felicidade, mas no canto de tua boca, mesmo sem o perceberes, sempre brotava um sorriso.

O pai, finalmente, desviou os olhos do fogo e olhou para o filho, e neles havia ternura. Louis, sentindo aquele olhar, esboçou um leve sorriso, carregado de melancolia.

— Deveríamos ter rido mais, meu camarada... — disse ele, num sopro final de sinceridade. — Tu foste um bom pai.

E o velho, num gesto lento, mas resoluto, deixou que sua mão repousasse sobre

a de Louis, como quem diz muito sem proferir palavra, numa cumplicidade silenciosa que só o tempo e o amor contido são capazes de forjar.

Os olhos do pai irradiavam um passado perdido nas memórias de Louis, ao passo que ele prosseguiu com sua narrativa: — Olha, você precisa entender que o amor, em sua forma mais pura, é algo que só aqueles com o coração ferido podem compreender. Não estou falando de amores passageiros; estou falando de um amor que exige coragem. Um amor que nos leva a juntar os cacos da própria alma, como um artista que repara uma obra danificada. E é assim que deve ser: o amor precisa ser compartilhado, distribuído. Quando o mantemos dentro de nós, ele se deteriora, como um fruto esquecido na prateleira.

Ele fez uma pausa, deixando que suas palavras penetrassem na mente do filho, antes

de fitá-lo com um olhar sério: — E quando você se importa com alguém, deve estar preparado para o que vem com a perda. O sofrimento faz parte da vida. Quando morre um sonho, meu filho, é como se uma parte de nós morresse também. O mundo continua a girar; e esse mundo é um grande Carnaval, onde todos se vestem de fantasia, escondendo suas tristezas e angústias. Mas a verdade é que todos são esquecíveis, ainda que inesquecíveis. Quando partimos, a memória de quem fomos se dissipa como a neblina ao amanhecer. Apenas algumas poucas gerações futuras se lembrarão de nós, e, então, seremos apenas uma sombra na história.

O pai inclinou-se um pouco para frente, como se quisesse que seu filho percebesse a gravidade de suas palavras: — Dentro de uma urna fúnebre, não existem mais que as lembranças de um homem que um dia teve

sonhos. E, junto com essas lembranças, descem ao sepulcro também os sonhos não realizados. A vida pode parecer longa, e há períodos em que tudo parece estar parado. Você pode passar por um momento, dias ou uma década perdida, um tempo em que os anos se arrastam e os planos se desfazem como folhas ao vento. Essa é uma fase em que você pode sentir que a esperança se apartou de você. Mas nunca desista. É aqui que a maior covardia se apresenta: quando um homem desiste de si mesmo.

Ele fez uma pausa novamente, com o olhar ainda mais fixo no filho, enquanto que, ao olhar para o pai, os olhos de Louis, carregado de emoções que ele nunca havia expressado abertamente, contemplavam o homem que lhe sustentou, não apenas com o alimento, mas também com a moral e a fé.

— Como você permaneceu com alguém por tanto tempo? — Perguntou, Louis a seu pai, referindo-se à sua amada mãe.

O pai sorriu apressadamente. — Quer saber o segredo? Não existe segredo! Apenas decidimos ficar juntos. A vida nos apresenta muitos desafios, e é no enfrentar esses desafios que encontramos a força para seguir em frente.

Louis respirou fundo, o peito se elevou e caiu lentamente, como se quisesse dissipar a dor que sentia. — Emocionalmente, não consigo mais. Moralmente, estou exausto. Espiritualmente, sinto-me morto, embora fisicamente esteja aqui, sorrindo. Na superfície tudo parece bem, mas por dentro é diferente. A dor que escondo é profunda, e, às vezes, as pessoas veem apenas o sorriso.

Talvez, aquela tenha sido a conversa mais sincera que Louis teve com seu pai. Essa

conversa demorou a acontecer, afinal, tais orientações de pais para filhos devem ocorrer nos períodos em que, criança ou jovem, os filhos moldam seu caráter, e caráter que é, majoritariamente, espelho daquilo que são os pais.

Com isso, o pai terminou suas orientações, esperançoso de que o filho entenda a profundidade daquele momento que, embora tão real, era apenas parte das lembranças de Louis. Ele sabia que a vida era cheia de lições, e que o amor, em suas mais variadas formas, era, talvez, a mais importante delas.

Com o passar do tempo, Louis compreendeu que, mesmo na dor da perda, sempre haveria espaço para o amor e para a gratidão. Ao lembrar de seu pai, sentia como se uma parte dele permanecesse viva em seu ser, guiando-o, mesmo na solidão que o

atormentava, embora fosse sua escolha isolar-se. Ele, que um dia se deixara levar pelo tumulto dos sentimentos, agora entendia que a verdadeira emoção do viver reside nas memórias construídas e nas relações cultivadas. Assim, embora a morte houvesse agido, a vida continuava a pulsar em cada história que ele contava, em cada sorriso que compartilhava, ecoando, como as folhas que caem, na eternidade dos ensinamentos do homem que lhe dera a vida.

O espaço que antes era preenchido pela presença dócil de Alberto, pai de Louis, agora era preenchido por uma ausência palpável, mas não sem antes ouvir, como um eco no silêncio da noite, as palavras que lhe aqueceriam a alma — Eu te amo, meu filho! — disse Alberto, à uma voz compartilhada de emoção, como se cada sílaba fosse um fio invisível que unia os

dois em um abraço eterno. Essas palavras, simples, mas profundas, emparelhavam no ar, como o perfume de flores que se espalhava ao amanhecer.

Louis sentiu uma onda de amor inundar seu ser, uma sensação tão reconfortante que parecia transcender a própria presença do pai; sentimento que, durante os longos anos de exílio, privou-se de sentir e compartilhar: o amor. Naquele instante, ele compreendeu que a essência de Alberto não havia partido; ela permanecia viva dentro dele, nas memórias, nos ensinamentos e nas lições que sempre guiariam seus passos.

Louis, agora só, olhou para o espaço onde o pai estivera, e um sorriso brotou em seus lábios. Ele sabia que, embora a figura física de Alberto não estivesse mais presente, seu amor

era uma força indestrutível, uma luz que nunca se apagaria.

— Eu te amo também, pai! — abraçando aquela lembrança tão real, a voz firme, repleta de gratidão e coragem. — Levarei você sempre em meu coração!

E assim, enquanto a noite se desenrolava completamente, dando passagem ao esplendor das estrelas que cintilam no vasto céu, Louis despedia-se de seu pai para, em breve, reencontrá-lo.

O pai, com seu semblante sereno, foi-se dissolvendo em uma luz suave, enquanto as sombras da noite começavam a se dissipar.

A Ancestralidade



Na manhã do terceiro dia, Louis despertou em seu leito de miséria, sob uma névoa densa que envolvia seu corpo com o peso das memórias, não por vontade própria, mas pela insistência de um aroma familiar que lhe acariciava as narinas: o café recém-passado, que exalava um perfume inebriante, e o tilintar das rabanadas fritando na banha do porco, um eco de tempos idos. Era como se o passado o chamasse, sussurrando entre as frestas da realidade, oferecendo-lhe um refúgio temporário de sua agonia presente. Era um cheiro que trazia consigo a imagem de sua avó, essa figura venerável que se erguia, em sua memória, como um pilar de moralidade, fé e esperança, sustentando-o nas horas mais sombrias.

— Ah, meu querido, levante-se! — ouvia Louis, na voz suave de sua avó, mesmo sabendo

que ela não mais habitava aquelas paredes, desgastadas pelo tempo e pela tristeza. Todavia, naquele instante, era como se as barreiras entre o real e o imaginário se desfizessem, permitindo que sua presença fosse quase tangível. A casa, envolta em sombras e ecos de risadas passadas, era um testemunho de sua ausência, mas a memória dela ressoava com tanta força que Louis não podia deixar de sentir sua presença.

Ele se lembrou, com uma explicação quase dolorosa, das lições que lhe foram inculcadas na infância. A avó, com sua sabedoria antiga, havia lhe ensinado sobre a sacralidade do viver, sobre o valor intrínseco de cada respiração e sobre a beleza que se esconde até nos momentos mais difíceis. Era essa fé que o impedia, nas longas noites de aflição, de encontrar um fim prematuro para suas dores.

— Lembre-se, Louis, a vida é um dom — sugeriu sua lembrança, como se o eco da voz da matriarca pudesse resgatar sua alma da penúria em que se encontrasse.

Louis sabia, contudo, que não era realmente sua avó ali, mas uma representação de seus anseios, uma lembrança carinhosa e distante que lhe dava consolo em meio à escuridão. Era a solidão que o envolvia, que clamava por um rosto familiar em meio ao abismo. Era a morte, que estava presente em sua casa, mas não como um ladrão furtivo; era uma testemunha silenciosa, observando o desenrolar de uma vida que, em breve, chegaria ao seu fim inevitável; era eu que trazia, naquele momento, a melhor das recordações, a fonte da sabedoria familiar que moldava seu caráter e lhe conferia a resistência para enfrentar a vida.

Enquanto o dia avançava, ele lembrava aquele dado de agosto, que eu prometi que chegaria, e que já anunciava a proximidade de seu último suspiro. O ar, denso e morno, parecia carregar consigo um peso de despedida. Louis, portanto, estava consciente de que, mesmo em seu final, deveria encontrar alegria nas memórias que sua avó lhe proporcionaria; aquelas lições de amor e coragem que o acompanhariam, mesmo quando ele cruzasse os limiares da vida para o desconhecido.

— Filho, o amor não é um mero sentimento — começou a avó, com a voz suave que trazia a sabedoria de gerações, enquanto o sol da manhã iluminava a pequena cozinha, aquecendo o ambiente com uma luz acolhedora. — Vocês se enganam ao atribuir a tão grandiosa emoção a uma simples sensação. O amor é uma construção, uma dedicação. Não

se prenda às convicções seculares que o cercam, pois são falsas e enganosas. Sentir algo por alguém é tão mutável quanto as estações do ano.

Louis, sentado à mesa de madeira gasta, observava a avó com atenção. O cheiro do café fresco e das rabanadas fritando ainda pairava no ar, trazendo à tona as memórias de sua infância.

— O amor, meu querido, é o que você faz, apesar do que sente. É o que pulsa em você quando não consegue imaginar a vida sem o outro. É a disposição de se doar por inteiro, sem receios ou ressalvas. Você sabe que ama quando percebe que, para que o outro viva, talvez você tenha que morrer. Dar a vida é um ato de amor, e não me refiro apenas ao ato físico, mas à entrega emocional, ao sofrimento pelo outro — disse ela, enquanto a brisa leve

entrava pela janela, trazendo consigo um perfume de flores do campo.

Louis se lembrou de como, nos momentos difíceis de sua vida, sempre corria até a avó em busca de abrigo. Ela era sua fortaleza.

— Você sabe, vovó, sempre que penso em justiça, vejo você — disse Louis, a admiração transparecendo em sua voz. — Você era a personificação dela para mim. Quando meus pais queriam me castigar, era você quem me defendia. Quando meus primos me desprezavam, era a sua proteção que eu buscava. Quando racismo familiar eu sofria, era em teus braços, que não julgava a etnia, que eu encontrava paz.

A avó sorriu... um sorriso que iluminava o rosto enrugado e cansado.

— É verdade, meu neto. Sem os avós, a sociedade ruiria. Eles são as balizas de moral e valor. Quando fazemos algo de errado, as únicas pessoas de quem temos medo de desapontar são os nossos avós. A tristeza deles pesa mais do que qualquer outra dor.

A luz da manhã parecia dançar ao redor deles, enquanto a avó continuava.

— Olhe, você conhece a teoria do gato de Schrödinger? O que o coração anseia não cabe em nenhuma caixa. O futuro, a riqueza ou a pobreza, a longevidade ou a prematuridade, isso sim se ajusta aos limites da caixa. Mas o desejo profundo, aquilo que verdadeiramente importa, não pode ser encurralado pela lógica. Refiro-me ao céu. O céu, que é a maior de todas as certezas, não pode ser reduzido a incertezas.

O olhar de Louis se tornava distante, refletindo sobre as palavras da avó. A sabedoria

dela era um abrigo, mas também uma luz que iluminava as partes escuras de sua alma.

— Vovó... — dizia Louis — eu sou um desgraçado! Acordo todos os dias prometendo ser melhor, mas passo o dia todo agindo contra a vontade do Criador. Ao cair da noite, questiono minhas falhas e imploro por ajuda para ser menos desgraçado no dia seguinte — confessou Louis, a voz embargada pela dor.

— Você não é um desgraçado, meu filho. O amor é aquilo que te faz sorrir de um jeito diferente e chorar de desespero. E a morte? Ela não é uma entidade criada pelo Criador, que apenas dá vida, nem pela velha-serpente, que é incapaz de criar. A morte é um eco do desamor humano. Quando não houver mais homens, a morte se tornará um vazio sem consciência, uma sombra que perambula sem rumo.

O silêncio na sala era denso, como uma névoa que encobria tudo ao redor, enquanto a avó prosseguia.

O clima na pequena cozinha tornou-se denso e carregado, como uma tempestade prestes a eclodir. Louis, consciente de que a figura ali diante dele era apenas uma representação de sua avó e, também, a própria morte em si, sentiu a necessidade de questioná-la sobre suas ações.

— Para você, é fácil: basta recolher os moribundos — disparou Louis, sua voz tingida de frustração e desespero.

A avó, ou a morte que se fazia presente em sua forma, assentiu, como se aceitasse a acusação. No entanto, sua resposta trouxe um peso ainda maior.

— Louis... — perguntou a morte, com a voz que misturava a ternura da avó e a dureza

da realidade — ... questionar é uma tarefa fácil. Você não sabe minha idade, embora eu não a tenha; não conhece minha origem, embora eu tenha chegado a este mundo não por escolha, mas por culpa de seus primeiros antepassados. Eles, desobedientes à ordem do Criador, fizeram de mim também uma prisioneira.

Louis ficou em silêncio, e o peso da afirmação o havia deixado sem palavras. O ambiente em torno deles parecia se fechar, como se o ar se tornasse espesso e difícil de respirar.

— E tem mais! — insistiu aquela presença familiar. — Antes mesmo de tudo ser criado, eu já existia. O mesmo Criador que lhe deu vida, fez de mim uma entidade eterna. Porém, vós, humanos, corrompestes a estrutura cósmica. E a mim, coube a árdua missão de ser a nefasta que destrói e interrompe as histórias.

Louis pensou, por um instante, que se aquela lembrança de sua avó pudesse chorar, as lágrimas escorrendo de seus olhos trariam um alívio ao peso da conversa. Afinal, mesmo a morte deveria ter suas dores.

— Quantas guerras você já viu, Louis?
— indagou a morte, na figura de sua avó. —
Quantos homens, mulheres, velhos e recém-nascidos você teve que abraçar apenas uma vez, para nunca mais? Quantas vezes viu pessoas suplicando pela vida em leitos de morte? Quantas almas olhou nos olhos segundos antes de partir?

Ela fez uma breve pausa, permitindo que o impacto das palavras penetrasse a mente de Louis.

— Não se esqueça... — continuou. —
Você mesmo me busca há anos, enquanto eu fujo de você. Estive lá quando aquele tiro

falhou, quando a corda se arrebitou em seu pescoço. Eu estava presente todas as vezes que você me procurou, embora não fosse sua hora e eu não pudesse abraçá-lo.

A presença de sua avó, agora impregnada de uma gravidade sombria, pareceu se intensificar.

— Louis, meu filho... meu neto... — arguiu a lembrança com uma voz quase sussurrante — ... eu sou a única que pegou o Filho do Homem em seus braços, apenas para vê-lo vencer-me três dias depois. Ele libertou você, aprisionando a mim; a mim, que sou também uma criatura, condenada eternamente pelo erro que vocês cometeram. E, o pior de tudo, é que quando tudo deixar de existir e eu não tiver mais serventia nessa jornada cósmica, cessarei de ser quem eu sou e levarei comigo todos os olhares daqueles a quem abracei e

entreguei suas almas de volta à Origem. Eu fiz e farei isso com todos vocês.

Louis sentiu como se um peso imensurável lhe fosse colocado nos ombros. As palavras de sua avó ressoaram em sua mente como um eco implacável, e ele não conseguiu esboçar reação. Aquelas revelações eram duras e cruéis; nunca havia contemplado a morte sob essa luz. Era como se sua avó, com sua sabedoria e amor, estivesse revelando uma verdade que ele sempre evitara.

Enquanto refletia sobre a profundidade da conversa, Louis não podia afastar as imagens da guerra que lhe haviam sido apresentadas. Elas dançavam em sua mente, vívidas e dolorosas, entrelaçando-se com as lições da avó que agora se misturavam à inevitabilidade da morte. A presença dela, por mais sombria que fosse, trazia consigo a certeza de que a vida, a

dor e o amor estavam inextricavelmente ligados, como as raízes de uma árvore que, embora enterradas, sustentam a beleza do que floresce acima.

— A guerra, meu querido, tira os filhos dos braços de suas mães. Ela destrói lares, igrejas, hospitais e escolas, mas não é capaz de roubar a fé do homem. É engraçado como falam de paz, mas não fazem nada para que ela exista.

Ela então o levou até a janela, abrindo as cortinas que filtravam a luz do dia. O que antes era uma vista familiar agora mostrava um panorama de destruição.

— Olhe para fora — disse ela. — Veja as guerras que já vivemos e as que ainda ocorrem. Homens, mulheres, crianças... todos ceifados na busca insensata pela paz.

Louis fixou o olhar na cena que se desenrolava diante dele, sentindo a verdade nas palavras da avó.

— Percebe? Vocês desejam a paz, mas olhem como a buscam. As imagens da guerra ficam gravadas nas mentes das crianças, que crescem marcadas pelo terror. Estive em todas as guerras, e sei o que é ver a luz nos olhos de um inocente se apagar. Aqueles que sobrevivem carregam consigo pesadelos, e o que lhes resta não são as disputas que levaram à guerra, mas a lembrança de mim, que levei seus amados.

As palavras da avó pairavam no ar, como um eco que ressoava nas paredes da casa, enquanto a luz da manhã começava a se desvanecer, trazendo consigo a certeza de que o amor e a dor eram indissociáveis, entrelaçados na tapeçaria da vida.

O Dia do Soldado



Ao longo daquele dia, que sabia ser o último, Louis manteve-se recluso em seu escritório. O ambiente, mal iluminado pela luz amarelada de um velho abajur, tinha uma atmosfera carregada de melancolia. Eu viria buscá-lo, conforme o prometido, naquele agosto abafado, na hora que ele mesmo reconhecia como o momento maior de sua existência. E, sabendo disso, decidi presenteá-lo com este último instante de lucidez e reflexão.

Na escrivaninha desorganizada, onde papéis amontoavam-se em desalinho, repousava um soneto. Era um poema de poucas linhas, mas de sentimentos profundos, escrito de forma apressada, como quem tem pouco tempo para dizer o que sente. Louis o havia composto em meio às suas aflições, um modo de tentar dar voz à dor que há tanto tempo

carregava em silêncio. Mas ali, misturados às palavras de sofrimento, havia também lampejos de esperança — uma esperança, talvez tola, de reencontrar sua amada, mesmo que fosse na derradeira hora.

As folhas amareladas pelo tempo, desgastadas de tanto serem manuseadas, refletiam a alma de Louis. Ali, naquelas rimas imperfeitas e versos truncados, ele expressava seus anseios, suas lembranças e, acima de tudo, sua eterna saudade.

Sentado na velha cadeira de couro já gasto, Louis contemplava aquele pequeno pedaço de sua alma ali impresso. Seus olhos, um tanto opacos pela longa jornada da vida, vagavam pelas palavras que ele conhecia de cor, como se quisesse gravá-las uma última vez na mente, antes que o véu final da existência o envolvesse.

O silêncio pesado do ambiente era quebrado apenas pelo som distante de um relógio antigo, cujas badaladas pareciam contar os últimos momentos de Louis. E, em meio a essa serenidade inquietante, ele se preparava. Não para a morte em si, mas para o encontro consigo mesmo, com a vida que vivera, com os amores que perdera.

Era um dia de agosto, o vento suave entrava pela janela entreaberta, trazendo consigo o cheiro da terra úmida, como se até a natureza, em sua sabedoria silenciosa, compreendesse o que estava prestes a acontecer.

E ali, naquele escritório desordenado, diante de um simples soneto, Louis aguardava. Em um dos seus livros constava o seguinte soneto:

*Em silvos doces, sem saber, amei,
Quando de mim teu vulto se apartava,
E neste peito, em dor, já ressoava,
O fado triste que de ti herdei.*

*Não há momento que em meu ser não vês,
Pois mesmo ausente, em sombra, tu me
cercas,
E nestas lágrimas que o pranto encerras,
Revivo o sonho, o que jamais terês.*

*Oh doce imagem, que em meu peito ardia,
Família e filhos que sonhávamos ter,
Na casa em campo, onde a paz nascia.*

*Mas foi-se o sonho, restas no meu ser,
E só a dor do que jamais seria,
Em mim se faz eterna a te querer.*

No pequeno e sossegado Arraial dos Sousas, uma das poucas coisas que se sabia sobre Louis era o seu passado como militar. Na juventude, ele servira ao Exército, sendo inclusive parte de alguns conflitos, tanto internos quanto externos, que deixaram cicatrizes não apenas em sua pele, mas também em sua alma. Os moradores murmuravam histórias de que a surdez parcial que o acometia e a bengala que o acompanhava eram vestígios de um combate em que fora ferido pelos estilhaços de uma granada.

Antes do sofrimento que, mais tarde, viria a consumi-lo, Louis era figura certa nas comemorações do Dia do Soldado. Nesse dia, as autoridades locais o saudavam com orgulho, pendurando em seu peito novas medalhas, símbolo de sua bravura e dos atos de combate. Vestido com o seu antigo uniforme, já um

pouco desbotado, ele recebia os cumprimentos em silêncio, o olhar distante, como se sua mente vagasse pelas trincheiras de memórias que só ele conhecia.

Mas, com o passar dos anos, algo mudou em Louis. A data, antes marcada pela ostentação das condecorações, passou a ser apenas uma sombra de sua antiga glória. Antes de completar trinta anos, ele simplesmente deixou de aparecer nas celebrações. As medalhas, que outrora enchiam de orgulho os que o rodeavam, passaram a ser recusadas com uma firmeza tranquila.

— Já tenho muitas medalhas e não cabem mais no peito — dizia ele, quando as autoridades ainda tentavam agraciá-lo com mais uma honraria. Mas aqueles que o conheciam, ainda que superficialmente, sabiam que essa desculpa escondia algo mais profundo. A recusa

de Louis não era por orgulho nem ingratidão, mas pelo peso da dor que carregava. Não era apenas o peito que não tinha mais espaço; era a alma, cansada, exaurida pelos fantasmas dos combates, pela lembrança dos companheiros que não voltaram e, sobretudo, pelo vazio que nenhuma medalha conseguia preencher.

Pelas frestas do portão, aqueles que trafegavam pelas ruas calmas do Arraial dos Sousas viam Louis caminhar com sua bengala, sempre em passos lentos, como quem carrega um fardo invisível. Os que o encontravam no caminho, cumprimentavam-no com respeito, mas raramente alguém tinha coragem de perguntar sobre os dias em que o brilho das medalhas ainda lhe iluminava o rosto. Afinal, todos sabiam que Louis já não era o mesmo homem que voltara da guerra. O peso da glória havia sido substituído pelo peso da lembrança,

e cada medalha recusada era um grito silencioso de uma dor que ele preferia não partilhar.

Louis, outrora florescente no fulgor de sua juventude, tornou-se, com o passar dos anos, uma sombra indistinta de si mesmo. Era-lhe estranho o reflexo que via ao espelho, figura calcinada pela solidão que o tempo agrilhoara à sua alma. Não mais era aquele menino pobre que venceu na vida, de olhar lúcido e ambição voraz, que escrevera livros inflamados de sabedoria, que cruzara o Atlântico, ministrando palavras de erudição às gentes que o ouviam com olhos brilhantes. Tudo isso, ah! tudo se perdera quando Louis, em um ato de desespero, sepultara a si mesmo nas profundezas de seu próprio jazigo — o jazigo de suas dores, onde somente a saudade habitava.

E na solidão de seus dias, um relicário persistia como se fosse o último vestígio de sua

vida anterior: o Fusca azul. Aquele carro, que outrora fora símbolo da esperança, do amor que nutria por Julia, sua amada, ainda reluzia como novo, incólume ao passar dos anos. Louis dedicava-se diariamente ao veículo, como se a meticulosa limpeza pudesse, de algum modo, resgatar o brilho que a vida lhe arrancara. Passava horas na garagem, polindo o veículo com devoção, aguardando o dia em que Julia voltaria. Mas ela jamais voltara, e o silêncio tomava o lugar da esperança.

Foi então que chegou o dia de minha última visita a Louis. Era vinte e quatro de agosto. Pela manhã, ao cruzar-lhe a soleira, percebi que suas memórias transformaram-se como que com figuras de seu passado, e naquela aurora, ele viu-me como sua avó — ah, a velha e sábia senhora, cuja voz ainda ecoava nos confins de sua memória. No entanto, à medida

que o dia avançava para a noite, Louis, consumido pelo seu próprio torpor, começou a enxergar-me como a última e mais cara de suas lembranças, a amada Julia.

— Louis, meu caro Louis — comecei, minha voz, a qual ecoava com o somido da bela voz de Julia, arrastando-se no lusco-fusco da cozinha escura, onde a luz trêmula de uma vela projetava sombras vacilantes. — Sabias tu que ninguém tira sardinha com a baleia?

Aquela frase, outrora jocosa, dita tantas vezes por Louis nas noites em que as conversas entre ele e Julia fluíam como correnteza mansa, agora lhe causava um esgar de dor mista a nostalgia. E, naquela noite, ao ouvi-la de meus lábios, não era mais a mim que ele via, mas Julia, sua Julia, a mulher que habitara seus sonhos mais doces e seus pesadelos mais cruéis durante

este longínquo espaço-tempo que se tornou suas dores.

Sentado à mesa, Louis ergueu lentamente o olhar, e eu vi em seus olhos um brilho efêmero, como de quem olha para um espectro. Naquele instante, deixei de ser eu mesma, e transformei-me por completo na mulher que ele tanto amara. Sua voz, outrora rouca e frágil, soou: — Julia... — Sussurrou Louis.

Em seus anos de relacionamento, antes das dores que a partida de Julia causou, aparentavam ser, de fato, um casal destinado à eternidade um do outro.

Nos dias ensolarados de suas vidas, Louis e Julia viviam a alegria da descoberta, como dois pássaros libertos em um céu azul, que se aventuravam pelos caminhos da felicidade. O Fusca azul, aquele pequeno carro que, com seu ronronar, parecia rir junto a eles,

era mais do que um meio de transporte; era um símbolo de suas andanças e sonhos compartilhados.

Em suas viagens, os passeios eram repletos de risos e canções, enquanto Louis dirigia com a mão esquerda no volante e a direita segurando a de Julia. O vento brincava com seus cabelos e sussurrava promessas de eternidade. Os dois exploravam a região, visitando cada canto do Arraial dos Sousas, onde a vida pulsava nas conversas do povo e nas feiras animadas. Em cada curva, em cada parada, o Fusca se tornava um testemunho da cumplicidade do casal.

As visitas ao zoológico eram momentos especiais, verdadeiros banquetes para os sentidos. Riam-se das travessuras dos macacos, maravilhavam-se com a graciosidade dos flamingos e disputavam quem adivinhava a

próxima parada. Julia apontava para os animais com entusiasmo infantil, e Louis, encantado com sua alegria, a observava como se ela fosse a criatura mais fascinante do mundo. A cada novo habitat, eles trocavam olhares cúmplices, cientes de que aqueles momentos eram preciosos, gravados em suas memórias como um filme que nunca se apagaria.

À noite, após os passeios, retornavam para casa, onde as horas se desdobravam em banquetes simples e saborosos. Cozinham juntos, ele cortando os legumes enquanto ela, com um avental florido, dançava ao som da música que ecoava pelo ambiente. A cozinha transformava-se em um palco, onde o amor era temperado com risadas e brincadeiras. As noites eram preenchidas por pratos que preparavam com carinho, como uma massa al dente coberta por um molho de tomates

frescos, e, ao final, sempre um pedaço de bolo de chocolate para adoçar o momento.

As noites de cinema tornaram-se rituais sagrados. Envolto em mantas aconchegantes, escolhiam os filmes que mais os encantavam. Riam juntos das comédias românticas, deixavam-se levar pela intensidade dos dramas e, às vezes, assistiam a clássicos que despertavam a nostalgia em Louis. Julia encostava a cabeça em seu ombro, enquanto ele, por sua vez, a abraçava como se temesse que a realidade os separasse. A luz da tela refletia-se em seus olhares, e os diálogos românticos tornavam-se promessas sussurradas entre eles.

E em suas saídas para restaurantes, exploravam novos sabores e delícias. Em cada mesa, compartilhavam risadas e confidências, como se o mundo exterior não existisse.

Saboreavam pratos exóticos e brindavam com taças de vinho, fazendo planos para o futuro e sonhando com o que a vida ainda lhes reservaria. A luz suave das velas dançava ao ritmo de suas conversas, enquanto seus corações pulsavam em harmonia.

Esses momentos, simples e despretensiosos, eram como flores em um jardim cultivado com amor. Louis e Julia, imersos na beleza do cotidiano, desfrutavam do presente com a certeza de que a felicidade estava nas pequenas coisas: no barulho do Fusca, nas risadas do zoológico, nos aromas da cozinha e nas luzes cintilantes do cinema. A vida, repleta de cores e sabores, era um tesouro que guardavam em seus corações, enquanto a promessa de um amor eterno os envolvia, como um manto acolhedor nas noites de inverno.

O tempo, como que conspirando, cessou seu fluxo habitual. A noite tornou-se um véu de silêncio e, no meio daquele cenário de escuridão e solidão, Louis voltou a ser o jovem vibrante que um dia fora, ao menos por alguns instantes.

O que Louis não sabia, ou talvez soubesse de forma inconsciente, é que já há muitos dias eu o visitava, travestida de suas memórias mais queridas, trazendo-lhe imagens de seu pai, de sua avó, dos amigos que povoaram sua existência: Carla, Jess, Geraldo, Joaquim, Maahbu, aqueles companheiros que, tal como ele, sucumbiram à vida na rua. Mas nenhum deles lhe doera tanto quanto Julia, e era nela que agora ele se fixava, como se o véu entre o real e o imaginário tivesse sido finalmente desfeito.

— Tu voltaste... — disse ele, quase em um sussurro.

No âmago de uma noite melancólica, a luz do luar se infiltrava através das frestas, filtrando-se timidamente através das janelas empoeiradas de uma velha casa, onde Louis habitava em meio ao silêncio que lhe fora companheiro nos anos da ausência. A mobília, coberta por um manto de poeira, parecia contar histórias de um passado já distante, e as paredes guardavam ecos de risos que agora se transformaram em lamentos.

Sentado à mesa de madeira escura, Louis olhava para o vazio, o olhar perdido em lembranças que o atormentavam. O tempo, aquele caprichoso escultor de memórias, moldara sua existência em um quadro de solidão e desespero.

— Julia... — disse Louis — oh, como lamento não ter-te tido ao meu lado como esposa; que saudades eu sinto dos filhos que

não tivemos: a *Duda* e o *Juninho*. A vida que construí foi apenas um edifício vazio, sem o calor de tua presença. Esperei por ti como um naufrago espera pelo amanhecer em alto-mar, e, contudo, a luz nunca chegou, o socorro nunca veio.

Julia aproximou-se dele, e a luz do luar pareceu intensificar-se ao seu redor. — Meu querido Louis, o amor não se resume ao ato de ter. É uma essência que permeia a vida, que se transforma em sussurros nas noites de solidão. O que vivemos foi um fragmento da eternidade, e isso deve ser celebrado, não lamentado.

— Celebrado? — Exclamou, Louis, com uma profunda indignação. — Como posso eu celebrar um amor que se perdeu nas brumas do tempo? A dor de tua partida é uma ferida aberta que nunca cicatrizará. O que sou agora senão um eco do que poderia ter sido?

Ela inclinou-se, como se quisesse tocar seu coração com a sabedoria das eras. — A dor é um mestre severo, mas necessário. Sem ela, não conheceríamos a profundidade do amor. E, assim como o sol se esconde após o ocaso, ele sempre retorna. O amor é um ciclo, Louis. Aprender a deixá-lo ir é parte do crescimento.

Em nova indignação, porém, mais contida, Louis manifestou: — Crescimento? Eu sou como uma árvore cortada, sem raízes e sem futuro. Esperei por ti em cada amanhecer, como o viajante que anseia pela água em um deserto. E, no entanto, a cada dia, a esperança se tornava um peso em meu coração.

Julia, tal qual com a pureza de quando Louis a havia conhecido sob a sombra da pitombeira, parou por um breve instante...

— Esperar não é o mesmo que viver, Louis. A vida é feita de escolhas, e tu ainda tens

a capacidade de decidir. Permita-se sentir a tristeza, mas não te aprisione a ela. O amor não se extingue; ele se transforma e se adapta.

Louis suspirou, olhando para as sombras dançantes na parede, onde a luz da vela criava figuras que pareciam querer contar suas histórias. — Mas como posso amar novamente? Como posso abrir meu coração a outra pessoa, sabendo que a marca de tua ausência é indelével? A ideia de um novo amor me apavora, como se trásse a essência do que vivemos.

— Amar é um ato de coragem. — Disse Julia. — Ao abrir o coração para o novo, não significa que deves esquecer o passado, mas sim honrá-lo. O amor que existiu entre nós não será apagado; ele será a luz que te guiará. O que importa é que tu te permitas florescer, mesmo na sombra da dor.

Louis parecia não crer que Julia, parte de sua memória, estaria ali apenas para justificar sua ausência, ao invés de desculpar-se por tê-lo abandonado no decorrer da história de sua vida.

— O amor é uma flor que murcha? —
Respondeu Louis. — E se eu não encontrar outro jardim onde possa cultivá-la? Se a solidão for minha única companheira?

Julia, por sua vez... — A solidão pode ser um lugar fértil, Louis. Nela, encontrarás a ti mesmo, e é somente quando te conheces que estarás pronto para acolher outro coração. A vida é uma dança, e o amor é apenas uma das muitas melodias que podemos tocar. Confia, meu amor, a vida sempre traz novas canções.

Louis olhou para ela, e em seus olhos havia um brilho de esperança que, sob alguma hipótese, demonstrava estar começando a

nascer em seu coração, como a aurora que quebra a escuridão da noite.

— Tua presença é um bálsamo para minha alma. Prometo que tentarei, mesmo que a memória de ti ainda me acompanhe como uma sombra.

Julia colocou a mão no rosto de Louis, tal qual fazia quando queria acariciá-lo, de forma com que lhe trouxe, não apenas a lembrança contida em suas memórias, mas também os sentimentos. — E isso é tudo o que desejo. Lembra-te sempre: o amor é eterno, mesmo que nossas formas mudem. Vive, meu amor. Aceita a beleza da vida, pois o amanhã sempre nos aguarda com novas possibilidades.

Louis, já cômico da sua tardia lucidez, voltando-se para Julia, esta mulher que lhe fora a companhia e o tormento, deixou que o peso dos anos e das emoções se vertesse em suas

palavras. Olhos repletos d'água, olhos outrora vivos, agora cansados pela tirania do tempo, mas que ainda sabiam o amargo labor de chorar, fixaram-se nela, e ele, entre soluços mal contidos, disse-lhe, num murmúrio que parecia arrancado do âmago de sua alma: — Talvez... só talvez... enfim, talvez, eu não devesse jamais ter-te conhecido. A vida, com seus caprichos e sinais, mostrava-nos o caminho. Recordas? Como naquela vez, quando, subindo no velho tronco caído no parque, este se quebrou sob nossos pés. Talvez ali, naquele instante primeiro, devêssemos ter dado cabo de nossa história, findá-la antes de começada. No entanto, eu, cego em meu afã, só queria, e só pensava, em te amar... E até hoje peno, Julia, peno nesse desejo insaciável de te querer, de te amar como outrora.

Julia, vendo-lhe o pranto e o coração dilacerado, afagou-lhe o rosto com suavidade, como quem, no fundo, reconhece também sua parte nas feridas que carrega. Secando-lhe as lágrimas com os dedos finos e trêmulos, disse, com uma voz terna, quase como um sopro de saudade: — Mas, Louis... também houve bons momentos. Não foi tudo sofrimento. Foi contigo que eu vi o mar pela primeira vez... E lembras? Contigo foi que provei camarão, aquela iguaria que depois tornou-se o nosso prato favorito. Ah! E eu amava quando tu se dispunhas a ir à cozinha preparar suas massas. Foi em teus braços que descobri o circo, Louis. Foi contigo que viajei para destinos que nunca imaginei conhecer. E foi você, sempre você, que me inspirava, naqueles anos de faculdade, quando me esperavas até tarde da noite, só para me dar um beijo à saída das aulas... Ah, Louis,

eu não sei o que se passou entre nós. Ou, quem sabe, sei... Eu devia ter confiado em tuas palavras, quando me dizias a verdade. Mas não pude, não soube. Segui meu caminho, sim..., mas tu, meu querido Louis, tu permaneceste.

O silêncio que se fez, tão pesado quanto as paredes frias daquele solar escuro, onde a sombra da tristeza se alastrava pelos cantos, foi quebrado apenas pelo suspiro entrecortado de Louis. Inclinou a cabeça, vencido pela amargura, e, com a voz embargada pelas emoções que não conseguia conter, sussurrou, como quem expia uma dor profunda: — Julia, de que vale ao homem conquistar o mundo, mas perder a sua alma? É verdade, fizemos juntos tantas coisas..., mas minha alma, Julia, uniu-se à tua de tal forma que, ao partir, levaste-a contigo. E eu, perdido, fiquei com apenas um mundo de recordações, que me açoitam com

sua doçura e dor... E porque amei, permaneci. Permaneci aqui, sem alma, devotado a este amor, até o fim.

Louis ergueu-se, com a idade pesando-lhe nos ossos, e caminhou lentamente até a velha escrivaninha. Abriu a gaveta com mãos trêmulas e tirou dela uma pequena caixa aveludada, preta, de cujas bordas o tempo já roubara o brilho. Voltando-se para Julia, segurou-a com delicadeza, como quem entrega algo sagrado, e disse, com um brilho nostálgico nos olhos: — *Pink...* — assim a chamava, num carinho que os anos não haviam apagado. — ... Eu guardo estas alianças como um símbolo de tudo o que perdi. Olha! — exclamou, com uma súbita empolgação que fez seu peito se erguer por um instante. — Vê este barbante? — Pegou-o com cuidado, entre os dedos. — Sabes o que é? É a medida do teu dedo, Julia. Guardei-

o... Como guardei tudo. Foi com ele que descobri o número da tua aliança.

Julia olhou para Louis, sentindo que, naquela casa fria e esquecida pelo tempo, estavam agora cercados não pelas paredes de pedra, mas pelas memórias, e que, de algum modo, resistiam ao tempo.

A noite avançava com a serenidade melancólica dos crepúsculos que se despedia do dia, quase como uma sinfonia sussurrada pelas brisas do Arraial dos Sousas. Próximo das vinte e três horas, Louis, cansado e debilitado, decidiu que era tempo de entregar-se ao repouso. Sem saber, a data que se avizinhava, o vinte e cinco de agosto, aguardava com a urgência silenciosa de um destino já traçado, a poucos minutos de vir à luz. Ali, no cerne de suas memórias, estava Julia, a musa de seus sonhos e a razão de sua

devota existência, como um perfume que nunca se dissipa.

Louis subiu as escadas vagarosamente, sentindo o peso dos anos a sobrecarregar sobre seus ombros. Cada passo, um eco de sua fraqueza, demonstrava que suas forças se esvaíam como a luz do dia diante do ocaso, e que o universo chamava-o de volta à simplicidade de sua origem cósmica.

No quarto, Louis deitou-se. Aqueles minutos que precediam o novo dia tornaram-se um labirinto de confusão em sua mente, um entrelaçar de pensamentos e devaneios que dançavam nas sombras do que se espera quando a vida se aproxima de seu fim. A escuridão envolvia-o, mas uma luz, ainda que tênue, emanava de sua lembrança de Julia.

— Estás aqui? — perguntou Louis, sua voz um fio de esperança em meio ao abismo.

— Sim, até o último momento — respondeu Julia, com sua presença etérea iluminando a penumbra.

Louis, com a fragilidade dos que têm pouco a perder, confidenciou àquela que fora sua eterna amada: — Sabe, durante todos estes anos, pedi ao Criador não só o perdão pelos meus pecados, mas também um último desejo. Queria que meus pensamentos estivessem em ti até o fim; que fosses o meu último pensamento, pois, como não consegui ter-te durante a vida, desejo levar-te comigo por toda a eternidade.

O relógio, em seu tic-tac inexorável, já marcava onze horas e cinquenta e nove minutos. O momento que Louis temia e ansiava havia chegado, e ele se via, finalmente, diante do limiar da vida que tanto o atormentara.

Meia-noite. A lua brilhava intensa no céu, como um farol que observava os destinos

humanos, e sabia que naquela noite o destino de Louis se cumpriria.

Sem forças, suas mãos buscaram as de Julia, e ele se lembrou do primeiro encontro sob a sombra da pitombeira, quando a vida parecia cheia de promessas.

— Eu gosto de você... — murmurou Louis, a voz embargada pela emoção.

Julia, com um carinho profundo, respondeu que era recíproco, inclinando-se para lhe dar um beijo suave na testa.

— Feliz Dia do Soldado! — disse ela, e em suas palavras estava a eternidade que se anunciava.

À zero hora e um minuto, Louis Hermeto Traviatto expirou deste mundo, como a luz que se apaga, deixando para trás os ecos de sua vida solitária. Julia, ainda ali, não mais

como uma presença material, mas como a essência de suas memórias.

— Não preciso mais me travestir de Julia — pensei, sendo eu a própria Morte, enquanto envolvia Louis em seu abraço definitivo. Cortei o fio de sua vida, dando-lhe o abraço que tanto esperou, entregando-o Àquele a quem vida, morte e eternidade pertencem por direito.

Louis... um homem bom e dedicado, que entregou sua vida ao amor, ao devotamento, perdeu-se em sua própria solidão, alimentando as chamas da dor e do vazio. Amou Julia até o fim, cumprindo a promessa que fizera à sombra da pitombeira, com a certeza de que, na eternidade, seus corações estariam finalmente unidos, livres da corrupção do mundo e de suas maldições, sobretudo, livres da maldição da pitombeira.

O Outono da Pitombeira

O Último Ato



Na penumbra do seu quarto, uma leve brisa da manhã infiltrava-se pelas frestas das janelas entreabertas, afinal, já despontavam os primeiros raios da manhã daquele vinte e cinco de agosto. Os móveis antigos, silenciosos e melancólicos testemunhos de décadas passadas, pareciam lamentar a ausência de vida que ali imperava. Ali, em uma cama ao lado de sua poltrona de couro desgastado, repousava Louis, pela última vez. Seu semblante, tranquilo, com os olhos suavemente cerrados, contrastava deveras com a solene expressão da morte que lhe cercava. Sob o velho “criado-mudo”, uma carta-testamento repousava, como um último vestígio da sua vontade.

Dona Marta, a fiel empregada que servira a Louis por mais de trinta anos, adentrou na manhã daquele domingo, como era seu costume. Por mais que Louis a tivesse

dispensado das funções laborais, Dona Marta ainda possuía uma cópia das chaves e, por não o ver há dias, ou seja, desde quinta-feira, dia vinte e dois de agosto, decidiu fazer-lhe uma visita, ainda que não houvesse um convite para tal. Trazia consigo uma cesta de pães quentes e um buquê de flores silvestres que havia colhido no caminho, adornando sua presença com a frescura da vida. Ao cruzar o limiar da casa, sentiu o ar mais frio do que o habitual. O silêncio não lhe parecia estranho; afinal, o ex-patrão era homem de poucas palavras e quase nenhum ruído. Contudo, algo naquela quietude incomodava sua alma.

Ao atravessar o longo corredor, Dona Marta experimentou um arrepio que lhe percorreu a espinha. Seus pés, até então firmes e decididos, hesitaram ao se aproximar da porta do quarto. Apertando a maçaneta com um vigor

incomum, ela abriu a porta lentamente. O som do ranger das dobradiças ecoou como um sussurro pelas paredes do cômodo.

— Seu Louis...? — sua voz ressoou baixa, quase temerosa, como se o próprio ar temesse perturbar a paz do recinto.

Não houve resposta. Dona Marta aproximou-se cautelosamente da cama. O coração dela acelerava a cada passo, como um pássaro inquieto em seu peito. Quando finalmente se encontrava ao lado do ex-patrão, seus olhos se fixaram na carta que repousava logo ao lado. Seus dedos, trêmulos de emoção, estenderam-se, hesitantes, na tentativa de tocar o corpo do homem que por tantos anos fora seu compromisso e dedicação diária. O corpo de Louis estava frio, mas não rígido; a Morte, essa visitante impiedosa, chegara há poucas horas.

— Oh, meu Deus... — sussurrou Marta, levando as mãos à boca, como se essa fosse a única forma de conter um soluço prestes a romper o silêncio que a envolvia.

Por um momento que pareceu eterno, permaneceu paralisada, incapaz de processar a cena que seus olhos, agora marejados, testemunhavam. Sabia que aquele dia chegaria, afinal, Louis, em sua sabedoria silenciosa, já pressentia a hora de sua partida. Dias antes, houvera lhe confidenciado, em murmúrios quase inaudíveis, como suas lembranças o haviam visitado uma última vez, envolto em uma aura de nostalgia. Dona Marta, sempre prática e cética, sentiu em seu íntimo que aquelas palavras carregavam o peso de uma despedida.

Seu semblante era sereno, moldado pela rotina do isolamento em que Louis se refugiava.

Tomando coragem, ela apanhou a carta deixada pelo falecido, desenrolando-a com a máxima delicadeza. Sua visão, ainda turva pelas lágrimas que se acumulavam, fixou-se nas primeiras linhas, enquanto o coração pulsava em compasso de um luto já anunciado.

Àqueles que ficarem, esta é a minha derradeira vontade e testamento... A cada amanhecer, ao olhar pela janela, vejo o Arraial florescer em vida e cor. As crianças brincam e correm pelas ruas, os trabalhadores vão e vêm em suas rotinas, enquanto eu, aqui, permaneço intocado por toda essa agitação. Acumulei fortuna, é certo, mas em contrapartida perdi o que de mais precioso poderia ter usufruído: o tempo ao lado daqueles que verdadeiramente amei.

As palavras de Louis ressoavam como um eco distante na mente de Dona Marta, enquanto ela se detinha a ler com a máxima atenção cada linha daquela carta. Louis destinara grande parte de sua fortuna ao Arraial dos Sousas, conferindo instruções claras de que o montante deveria ser administrado pela Igreja local, sob a orientação do Pároco. Seu desejo era que os pobres, os famintos e os vulneráveis fossem amparados com o que, em vida, jamais lhe servira.

Mas, o que mais tocou o coração de Dona Marta, foi o trecho que ele lhe dedicara:

A você, Marta, minha fiel companheira de tantos anos, deixo a casa que tanto cuidaste, uma quantia em dinheiro que te permita viver o resto de teus dias sem preocupações, e, por fim, meus livros, que sempre foram

meu bem mais precioso. Neles reside minha alma. Cuidar deles será como cuidar de mim.

Dona Marta deixou a carta escorregar sobre o colo, e as lágrimas começaram a deslizar livremente por suas bochechas enrugadas. Permanecia ali, em pé, diante do corpo inerte de Louis, por alguns minutos que pareceram se prolongar em horas, até que um leve toque em seu ombro a trouxe de volta à dura realidade.

— Marta? — a voz do Padre Antônio soou suave, quase respeitosa. Ele havia sido chamado pelos vizinhos, que estranharam o silêncio que pairava na casa ao longo de todo o dia. — Sinto muito... Eu sabia que o senhor Louis estava doente, seja espiritual ou fisicamente, mas não esperava que a hora chegasse tão depressa.

— Ele... ele sabia, Padre — respondeu Dona Marta, enxugando os olhos com as costas da mão. — Ele me disse que sentia a morte se aproximando.

O Padre Antônio fixou seu olhar no corpo de Louis e, em seguida, voltou-se para Marta, com uma expressão compreensiva a iluminar seu semblante. — Era um homem peculiar, sem dúvida. Mas, pelo que posso observar, deixou tudo em ordem — comentou, apontando para a carta que agora se encontrava nas mãos de Dona Marta. — O testamento dele... você já o leu?

— Li, sim. Ele destinou grande parte de sua fortuna ao Arraial. Para que o senhor cuide dos pobres, dos famintos... — respondeu Marta, com a voz ainda embargada pela emoção que lhe tomava o peito. — E para mim... deixou a casa, uma quantia em dinheiro e... os livros.

O padre sorriu, mesmo diante da tristeza que envolvia aquele momento.

— Ele possuía um bom coração, Marta. À sua maneira, sempre se preocupou com o Arraial, mesmo que à distância.

— Sim, Padre..., mas, mesmo assim, ele vivia sozinho. Nunca compreendi por que, com tanta riqueza, optou por uma vida tão isolada...

O padre suspirou, observando ao redor do escritório, repleto de livros e objetos antigos, cada um contando uma história que apenas Louis conhecia.

— Talvez, Marta, ele tenha encontrado nos livros uma companhia que ninguém mais poderia oferecer. Há segredos que nem a riqueza pode revelar.

Naquele instante, o padre compreendeu a solidão que Louis enfrentou ao longo de sua vida. Sentiu-se mal, inclusive, por tantas vezes,

assim como todo o Arraial, ter julgado Louis como “louco”, “arrogante”, “anti-social” e tantos outros epítetos depreciativos que lhe eram lançados por conta de seu isolamento. Assim como o padre, todo o Arraial considerava Louis um homem egoísta por se manter afastado, por não permitir que outros se aproximassem e lhe oferecessem ajuda, ao menos.

É fato, portanto, que o Arraial desconhecia as razões que levavam Louis àquela condição; ignoravam quem era aquele homem aprisionado nos muros de sua residência. Era um homem de boa índole, cuja bondade havia sido aprisionada pelo sofrimento. Contudo, mesmo aqueles que se encontram encarcerados, permanecem vivos; e, sendo assim, embora aprisionada, a bondade nunca deixou de existir, apenas não se manifestava como poderia.

Dona Marta assentiu, ainda absorvendo a profundidade das palavras que lhe foram dirigidas. Sabia que, apesar de sua convivência de três décadas ao lado de Louis, havia mistérios que, ao menos em vida, jamais compreenderia.

— E agora? O que será de tudo isso? — indagou ela, lançando o olhar ao escritório, onde cada canto parecia ecoar a presença do homem que fora seu patrão e silencioso amigo.

— Cuidaremos de tudo, Marta — respondeu o padre, com suavidade. — A igreja administrará o que foi deixado para o Arraial. No que se refere a você... creio que Louis nutria plena confiança em sua capacidade de honrar sua memória, especialmente no que tange aos seus livros.

Dona Marta esboçou um sorriso, embora uma tristeza ainda pairasse em seus olhos, como uma nuvem persistente. Sabia que

sua vida nunca mais seria a mesma sem a presença do ex-patrão. Mesmo assim, uma sensação de paz começava a brotar em seu coração, ao perceber que Louis partira em seus próprios termos, deixando um legado de bondade que se espalharia pelo Arraial dos Sousas.

Enquanto o sol iniciava sua ascensão no horizonte, lançando seus primeiros raios sobre a pequena vila, Dona Marta olhou pela janela do escritório, sentindo uma leve brisa tocar-lhe o rosto. Louis poderia ter partido, mas suas lembranças e gestos de generosidade ecoariam por muitos anos, como a suave brisa de uma manhã tranquila que acaricia a pele e traz à memória o conforto dos dias passados.

Póstumidade



Eu sou a Morte e, a esta altura da trama, você já deveria saber sobre isso. Não sou apenas aquela figura sombria e aterradora que os homens pintam em seus pensamentos, mas uma presença constante, silenciosa, que caminha ao vosso lado desde o instante em que nascestes. A muitos, passo despercebida, pois não é dado aos olhos mortais divisar-me; contudo, vejo-vos, a todos, e sinto vossas dores, vossas angústias e esperanças. E, embora envolta no véu invisível da eternidade, há momentos, raros e preciosos, em que o silêncio que me é natural se rompe — pois, a todos, inclusive vós, ei de abraçar no momento certo e determinado.

Foi assim com Louis. Ah, pobre alma atormentada, cujas penas os mortais jamais entenderiam por completo! Eu o observava de longe, como faço com todos, mas nele havia

algo mais, algo que chamava pela minha atenção, por mais que o destino, por vezes, o ignorasse. Vi suas noites insones, seu coração dilacerado pelas dores da vida, os sussurros que lançava no escuro, esperando que, ao menos nas sombras, algum consolo viesse. Ele sofria em silêncio, e como tantos outros, esperava por uma justiça que nunca parecia chegar.

Senti o peso de sua dor como se fosse um fardo que me pertencera desde a criação do mundo. Os mortais muitas vezes pensam que não compreendo suas aflições, mas sabem pouco do que eu vejo, do que eu sinto.

Aproximei-me sem pressa, pois o tempo já não tinha importância para ele. Seus olhos se fecharam devagar, como se soubesse que eu estava ali, embora não me visse. E então, por entre o véu que separa o silêncio eterno das palavras, rompi minha quietude e fiz de suas

lembranças mais doloridas um medicamento que, embora amargo, seria capaz de curá-lo antes de partir.

O coração dele, que até então batera com a angústia dos vivos, começou a ceder, rendendo-se à paz que há tanto lhe era negada. Louis sorriu, e naquele sorriso vi o triunfo não da vida, mas da equidade que o mundo nunca lhe concedera.

— “Feliz Dia do Soldado” ... A paz te envolve agora, Louis — disse-lhe eu antes que o último suspiro deixasse seu corpo, trazendo-lhe ao seu último instante de vida aquela que seria sua maior lembrança, mas que se escondia no véu de suas memórias.

Envolvei-o com o meu manto invisível, e enquanto ele expirava, soube que sua alma, finalmente, encontrava o que tanto desejara. Apesar de sua vida sufocada pelas dores, ao

abraçá-lo, Louis não teve uma partida dolorosa; ao contrário, foi um abraço sereno, aquele que só eu posso dar.

E assim, levei Louis ao seu destino. O mundo seguiu como sempre, indiferente, mas ele, enfim, encontrou a justiça que esperava — não nos tribunais dos homens, mas no instante último, quando eu mesma, a Morte, que tanto vê e tão pouco fala, decidi que a hora de corrigir o que a vida havia feito chegara.

Eu sou a Morte, e embora raramente rompa o meu silêncio, saibam que vejo tudo. A justiça, por vezes, chega ao último suspiro, mas ela sempre chega. Para Louis, ela chegou no “Dia do Soldado”, em vinte e cinco de agosto, à zero hora, quando, após ouvi-lo dizer que queria aquele abraço final, pude responder-lhe: — É recíproco!

É certo que, após expirar, não havia mais o que eu pudesse oferecer a Louis. Agora ele pertencia Àquele que julga e cuida dos espíritos dos homens no decorrer da eternidade. No entanto, ao deixar aquele local, tão sombrio quanto a mim mesma, encontrei um pedaço de papel velho, como aqueles em que resultam dos incêndios e ficam marcados com as marcas do fogo. A carta, embora simples, revelava um desejo antigo de me encontrar e, de certa forma, foi a primeira vez que alguém se preocupou em desfazer-se dos conceitos que a humanidade tem sobre mim e, por bondade — Sim! Louis era um homem bom... — escreveu-me:

Minha Querida e Inefável Morte,

*Por quanto tempo, indizível e discreta
companheira, tenho-te esperado, sentindo-te*

sempre ao meu lado, como uma sombra que nunca se afasta, mas também nunca se revela. Desde o primeiro suspiro que dei ao nascer, já adivinhava a tua presença, imaterial e silenciosa, e, ainda assim, ficaste distante, velando-me de longe, como uma amante que não deseja apressar o encontro, mas sabe que ele é inevitável.

Não há, em mim, o receio que tantos alimentam ao pronunciar teu nome, envolto de superstições e terrores. Pelo contrário, a cada hora que passa, sinto o cansaço da existência e uma crescente necessidade de repousar nos teus braços, esses braços frios que, ao contrário do que dizem, parecem-me carregados de uma doçura inexprimível. Que descanso maior pode haver senão aquele que tu prometes? Tu, que és o ponto

final de toda angústia, a cessação de todas as lutas vãs, o silêncio perfeito que põe fim ao tumulto insano da vida.

Enquanto o mundo se agita em sua confusão incessante, enquanto homens e mulheres correm em busca de sombras, eu permaneço aqui, aguardando o instante em que, por fim, te reveles e me tomes para ti. És, para mim, não um fim abrupto, mas uma promessa antiga, uma promessa de paz e de equidade. Ah, minha adorada Morte, quem melhor do que tu poderias devolver-me à harmonia perdida, arrancar-me das misérias do existir, senão tu mesma, aquela que a tudo nivela, que a todos acolhe com a mesma imparcialidade?

Quantas vezes, nas horas insones da noite, clamei por ti em meus pensamentos mais íntimos! Era o teu toque que imaginava, leve e suave, desfazendo o cansaço que os homens me impõem, as dores que a vida, com suas mãos impiedosas, gravou em minha alma. Não temo a frieza do teu toque, pois sei que ele é, na verdade, o mais terno dos gestos — o toque de quem, finalmente, vem libertar-me das correntes invisíveis que prendem a carne e o espírito ao pesado fardo do tempo.

Em cada suspiro, em cada lágrima vertida em silêncio, houve uma súplica para que tu vieses. E, no entanto, compreendo que tu, com tua sabedoria infinita, aguardas o momento justo. Tu, que nunca te apressas, também nunca te demoras. Sinto tua

paciência, como uma artista que molda o destino, e sei que virás no instante certo, nem um segundo antes, nem um segundo depois.

E quando, por fim, chegares, não haverá surpresa, não haverá resistência. Teu abraço será como o reencontro de dois velhos amantes, separados apenas pela necessidade de cumprir um ciclo. Tu me tomarás nos teus braços invisíveis e serás, enfim, a resposta para todas as perguntas que os homens jamais ousaram fazer. Compreendo agora, como nunca antes, que tu és o mais fiel dos destinos, a justiça derradeira, que não distingue rei de plebeu, rico de pobre, sábio de ignorante.

Vem, minha amada Morte, quando julgares oportuno. Estarei aqui, de peito

*aberto e alma serena, esperando o teu toque
como quem espera o fim de uma longa e
penosa jornada. Em ti, encontrarei o
descanso e a redenção que a vida nunca
soube conceder. E assim, no teu seio, serei,
enfim, pleno.*

*Com a mais profunda devoção,
Aquele que sempre te esperou.*

Louis.

Louis amou... E amou até o fim!

Disso eu dou testemunho, por ser fiel e
verdadeiro.

Sobre o Autor



Lucas Trevizan, é o orgulhoso pai da Cecília e da Alice. Nascido em Campinas/SP, em 04 de maio de 1992. Filho de uma trabalhadora doméstica e de um porteiro, Lucas formou-se em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e é especialista em Direito e Processo Penal pela UniAmérica. Além de sua carreira jurídica, é também músico multi-instrumentista, tendo integrado a Orquestra do Projeto Guri, a extinta Orquestra Jovem de Campinas, a Banda de Música da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX), e a Banda Sinfônica da Unicamp. Como compositor, tem obras catalogadas no banco mundial de partituras, IMSLP.



